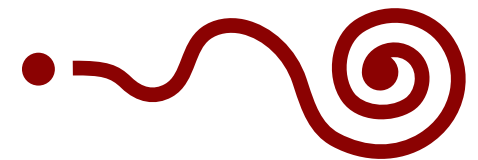


VOCÊ JÁ  
ESCUTOU  
A TERRA ?






# VOCÊ JÁ ESCUTOU A TERRA



25 de outubro de 2025 a 1º de fevereiro de 2026





This catalogue compiles reflections and images from the exhibition **Have You Ever Listened to the Earth?** The exhibition, presented by the Museum of the Person with official sponsorship from Petrobras, is an invitation to active and sensitive listening.

Throughout our history, Petrobras has invested in cultural projects that broaden access to knowledge, strengthen identities, and encourage reflection about our present and future. We believe that preserving memories – both individual and collective – is essential to building a society that is more aware, diverse, and committed to its territories.

The exhibition calls upon us to undertake an urgent gesture: to listen. To listen to people, narratives, affections, and forms of knowledge; to listen to the profound relationships between communities, nature, and territory.

For Petrobras, supporting this project reaffirms our commitment to initiatives that honor intangible heritage, foster dialogue between different knowledge systems, and bring visibility to the experiences that shape Brazil. Together with the Museum of the Person and its Social Technology of Memory, we recognize the importance of initiatives that highlight the strength of the stories of those who inhabit and care for our territories.

May this catalogue expand our capacity to listen, strengthen our shared responsibility in preserving memory, and illuminate the power of the stories that make Brazil pulse.

**Petrobras**

Esta publicação, que reúne reflexões e imagens da exposição **Você já Escutou a Terra?**, realizada pelo Museu da Pessoa com patrocínio oficial da Petrobras, é um convite à escuta ativa e sensível.

Ao longo de sua trajetória, a Petrobras tem investido em projetos culturais que ampliam o acesso ao conhecimento, fortalecem identidades e estimulam reflexões sobre nosso presente e futuro. Acreditamos que preservar memórias — individuais e coletivas — é essencial para construir uma sociedade mais consciente, diversa e comprometida com seus territórios.

A exposição nos convoca a um gesto urgente: ouvir. Ouvir pessoas, narrativas, afetos e saberes; ouvir as relações profundas entre comunidades, natureza e território.

Para a Petrobras, apoiar este projeto reafirma o compromisso com iniciativas que valorizam o patrimônio imaterial, promovem o diálogo entre saberes e tornam visíveis as experiências que compõem o Brasil. Ao lado do Museu da Pessoa e de sua Tecnologia Social da Memória, reconhecemos a importância de projetos que evidenciam a força das histórias de quem vive e cuida de nossos territórios.

Que este catálogo amplie nosso repertório de escutas, fortaleça a responsabilidade compartilhada na preservação da memória e destaque a potência das histórias que fazem pulsar o Brasil.

**Petrobras**

# Have You Ever Listened to the Earth?

The encounter between the Museum of the Person and Ailton Krenak marked a rupture in the institution's trajectory of over 30 years dedicated to life stories. For 33 years, we have sought to make the story of each and any person into a heritage of humanity, a museum piece, a bridge between cultures, a connection among diverse people, a work of art.

The biocentric shift proposed by Ailton Krenak, which places “life at the center” – “life at the beginning, life in the middle, and life at the beginning once again” – represents, for the Museum of the Person, an opportunity to explore an expanded form of listening. It dislodges us from the “anthropocentrism” that has been rooted in European thinking for centuries.

Learning to listen to others is difficult. To listen – truly listen – to what someone else has to say has become an endangered skill among humans. As individuals and as societies, we are becoming “deaf.” We are numbed by our own speech, our opinions, our “individualist selves,” our inability to pause, to let time flow, to listen to one another.

How do we listen to others? What does it really entail? I tend to believe it is a delicate art: the art of stripping ourselves of our own certainties and allowing ourselves to be enriched by narratives not of our own making. It is, unquestionably, an art on the verge of extinction.

To undertake a biocentric shift, one must take the art of listening even more seriously. One must learn again how to listen to other beings, both living and non-living. Open space to Listen to the Earth. This art, as ancestral as it is contemporary, so intrinsic to the cultures of Indigenous peoples, practically vanished from Western culture when it was decided that Man (with a capital M) was the only being who thought, and therefore existed. A conclusion that granted this being, Man with a capital M, the right and the duty to dominate “nature,” a term that only exists because of separation. But there is no “Nature” and “Man.” We must be humble enough to admit that we cannot “save” the planet. Perhaps what remains for us, as people, is to relearn how to be on the Earth with greater harmony and attention.

The exhibition **Have You Ever Listened to the Earth?** emerged from the dialogue between the Museum of the Person and Ailton Krenak around this idea, and from exploring how the more than 20,000 stories in our collection could tell us more about the territories we inhabit. This dialogue, which spanned more than a year, pushed us out of our comfort zone and led us to deepen, even further, the meaning of our existence, both as an idea and as an institution. This exhibition, built by many hands and many voices, is an invitation to listen to the stories of others, but also to listen to the languages, sounds, noises, and movements of the Earth – this living organism that welcomes us, repels us, and of which we are but a part, not the whole.

**Karen Worcman**

Founder and Curator of the Museum of the Person

# Você já Escutou a Terra?

O encontro do Museu da Pessoa com Ailton Krenak representou uma ruptura em sua trajetória de mais de 30 anos dedicados às histórias de vida. São 33 anos buscando tornar a história de cada pessoa, de toda e qualquer pessoa, um patrimônio da humanidade, uma peça de museu, uma ponte entre culturas, uma conexão entre gentes variadas, uma obra de arte.

A manobra biocêntrica proposta por Ailton Krenak, que coloca a “vida no centro”, a “vida no começo, a vida no meio e a vida no começo de novo”, significa, para o Museu da Pessoa, uma possibilidade de explorar o alargamento da escuta. Ela nos desloca do “antropocentrismo” enraizado no pensamento europeu há séculos.

Aprender a escutar o outro é difícil. Escutar, de fato escutar o que o outro tem a lhe dizer, vem se tornando uma habilidade em extinção entre os seres humanos. Estamos, enquanto indivíduos e também enquanto sociedades, nos tornando “surdos”. Estamos embotados por nossas falas, por nossas opiniões, por nossos “eus individualistas”, por nossas incapacidades de parar, de deixar o tempo fluir, de escutar o outro.

O que é escutar o outro? O que de fato isso quer dizer? Tenho, cá para mim, que esta é uma arte delicada. É a arte de despir-se das próprias opiniões e de se deixar enriquecer por narrativas que não são as que nós próprios produzimos. Definitivamente uma arte em extinção.

Fazer uma manobra biocêntrica é tornar a arte da escuta ainda mais radical. É reaprender a escutar outros seres, vivos e não vivos. É abrir espaço para Escutar a Terra. Esta arte, tão ancestral quanto contemporânea, tão íntima às culturas de povos originários, praticamente desapareceu na cultura ocidental quando se decidiu que o Homem, este com H maiúsculo, era o único ser, entre todos, que pensava, e logo existia. Esta conclusão deu, a este ser, o Homem com H maiúsculo, o direito e o dever de dominar a “natureza”, termo que só existe por separação. Mas não há “A Natureza” e o “Homem”. Temos que ter a humildade de admitir que não podemos “salvar” o planeta. Talvez o que nos resta, como pessoas, seja reaprender a estar, de forma mais harmônica e atenta, na Terra.

A exposição **Você já Escutou a Terra?** resultou do diálogo entre o Museu da Pessoa e Ailton Krenak em torno desta ideia e da exploração de como as mais de 20 mil histórias do nosso acervo poderiam nos contar mais sobre os territórios que habitamos. Este diálogo, que durou mais de um ano, nos tirou de uma zona de conforto e nos levou a aprofundar, ainda mais, o sentido de existir, como ideia e como Instituição. Esta exposição, construída a muitas mãos e a muitas vozes, é um convite à escuta da história do outro, mas também à escuta de línguas, sons, ruídos e movimentos da Terra, organismo vivo que nos acolhe, que nos repele e do qual somos apenas parte, e não o todo.

**Karen Worcman**

Fundadora e Curadora do Museu da Pessoa



# Uma exposição a muitas mãos

An exhibition made by many hands

14

estados percorridos  
Brazilian states visited

+200

peessoas envolvidas  
na tessitura do manto  
people involved in weaving  
the mantle

+15

organizações parceiras  
partner organizations

+1000

kgs de lixo tratado  
e utilizado  
kg of waste processed  
and reused

< Participantes nas ações da Brigada Ribeirinha, que recolheu resíduos no Rio Guamá e na Baía do Guajará (Belém, PA) para a tessitura do Manto, setembro de 2025  
Participants in the actions of the Brigada Ribeirinha (River Brigade), which collected waste from the Guamá River and the Guajará Bay (Belém, PA) for the weaving of the Mantle, September 2025

> Oficina Manto de Histórias no Centro de Artes da Maré, Rio de Janeiro (RJ), junho de 2025  
Workshop "Mantle of Stories" at Centro de Artes da Maré, Rio de Janeiro (RJ), June 2025  
Dunas Filmes

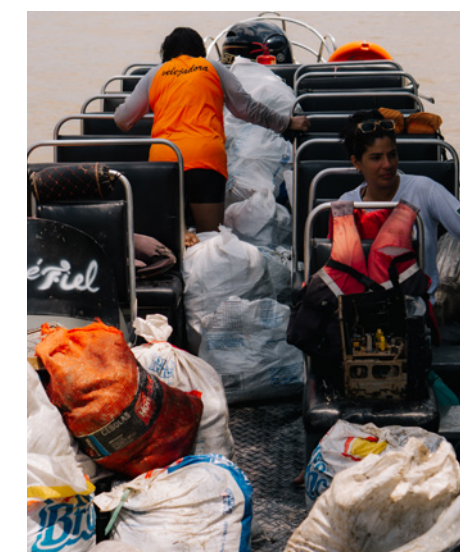
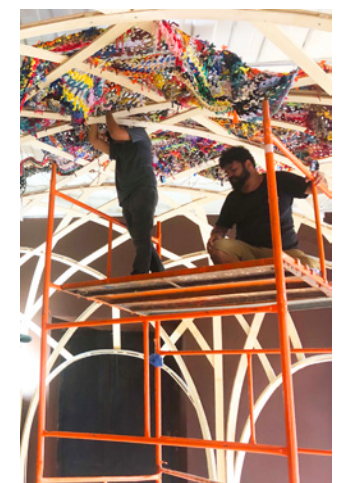
Exposição sendo montada no Museu do Estado do Pará, agosto a outubro de 2025  
Exhibition being assembled at the Museu do Estado do Pará, August to October 2025

Oficinas de tecelagem do Manto, que aconteceram em Belém, no GEMPAC e NUGEM, julho e agosto de 2025  
Weaving workshops for the Mantle, held in Belém at GEMPAC and NUGEM, July and August 2025

Participantes nas ações da Brigada Ribeirinha, que recolheu resíduos no Rio Guamá e na Baía do Guajará (Belém, PA) para a tessitura do Manto, setembro de 2025  
Participants in the actions of the Brigada Ribeirinha (River Brigade), which collected waste from the Guamá River and the Guajará Bay (Belém, PA) for the weaving of the Mantle, September 2025

A exposição **Você já Escutou a Terra?** resulta de um processo de envolvimento de pessoas, comunidades e organizações de todo o país. Da produção do manto à coleta dos resíduos utilizados na exposição; do registro de histórias à elaboração de ações educativas. Cada etapa revela a força da colaboração e da escuta. Aqui, convidamos você a conhecer mais este processo e os diversos atores envolvidos por meio de fotos tiradas ao longo de 2025 em diferentes partes do Brasil.

The exhibition **Have You Ever Listened to the Earth?** emerges from a process of involvement with people, communities, and organizations across Brazil. From the making of the mantle to the gathering of the wastes used in the installation; from recording stories to developing educational activities – each stage reveals the strength of collaboration and listening. Here, we invite you to learn more about this process through photos made throughout 2025 in different regions of Brazil.











# Life is at the center of everything

We live in a global planetary reality in which everything refers back to human beings, to human beings as a species. Regardless of issues of gender or race, we have crystallized the idea of human beings as a form of excellence: His Excellency, the Human. This has affected the world by creating anthropocentrism. We all assume that everything exists for us. We are all immersed in the idea that the world exists for us to consume. This anthropocentric worldview has led us to tread very harshly upon the Earth's body; so harshly that we have managed to generate geological effects.

But how can human beings be allowed to consume all others? The idea that we can pierce the Earth's body, fill the oceans with trash, build mountains of plastic bottles, shows that the human place within this planet's body has become excessive. It is time Homo sapiens should think about the planet they are devouring. A world on fire is what we are experiencing now as a result of the impacts we have inflicted across continents and regions of the globe, melting polar caps, melting glaciers, raising ocean levels. We are commissioning a tragedy. We must displace humans from this position of planet consumer and evolve toward a biocentric movement – the idea of being on Earth with Earth, not just on top of the Earth's body.

As a species, we humans are being asked to change our values and paradigms: the very notion of human centrality must shift. Either we move away from this anthropocentric view, or we will accelerate a response from the planet – because the planet is alive – to our fury. A biocentric shift is not only the most sensible, but also the most opportunistic, gesture available to humans if they wish to continue living a little longer on this planet. Because this planet is a living organism, it has its own agency, and it can one day decide to cast us out. It is an effort to reconcile the human body with the body of the ant, of the palm tree, of the fish – of fish that no longer have a place where they can live.

A biocentric shift means displacing the human

species from the center of life, to broadly acknowledge that life runs through us in every direction: fire, air, water, earth – every expression of life's dynamics produces this same effect, that we call life.

A biocentric shift, as the very etymology of the term suggests, means placing life at the center. It means opening oneself to a radical experience of life in which everything holds equal value: a cell, a mountain, the creeks, the lakes, the rivers, the oceans. Life is an active experience of billions of organisms, interacting constantly and producing effects.

The Earth is a living organism. To listen to the Earth is not only to listen to those who live on the Earth, but to the very structure of this planet, this organism. It means abandoning this notion that the Earth is one thing, and we are something else. The Earth has answers for all of us. And we are the Earth's answer.

Nego Bispo, a quilombola and a profound thinker, says that life has a beginning, a middle, and a beginning. Life has a beginning, a middle, and a beginning. Beginning, middle, and beginning. Life is incessantly produced. Life only has a beginning, a middle, and an end when we humans extinguish other species. The speed at which we extinguish other organisms is so great that many species are disappearing.

For life to exist, it needs the Earth's body. Life is a DNA shared among all living organisms: plants, animals, even what we consider inert, lifeless. Everything is life: life at the beginning, life in the middle, life again. A biocentric perspective can unravel this idea of finitude that terrifies humans. Life at the center of everything. There are other cosmologies, other ways of inhabiting the Earth; ways I often attribute to a constellation of peoples dwelling at the edges of the planet – those I have referred to as the ones who postpone the end of the world, the ones

# A vida no centro de tudo

Nós vivemos uma realidade planetária global onde tudo se refere ao ser humano. O ser humano como espécie. Independentemente da questão de gênero, de raça, nós cristalizamos uma ideia do ser humano como uma excelência: sua excelência, o humano. Isso produziu um efeito no mundo, que é o antropocentrismo. Todos achamos que tudo existe para nós. Estamos todos imersos em uma ideia de que existe um mundo para a gente consumir. A ideia antropocêntrica nos colocou nesse lugar em que estamos pisando tão duramente sobre o corpo da Terra que a gente consegue provocar um efeito geológico.

Mas como o ser humano pode ter licença para comer todos os outros? A ideia de que a gente pode furar o corpo da Terra, encher os oceanos de lixo, criar montanhas de pet, mostra que o lugar do humano no corpo desse planeta é excessivo. O Homo sapiens está sendo convocado a pensar no planeta que ele está comendo. O mundo em chamas é o que nós estamos experimentando agora, pelos impactos que nós fomos causando aos diferentes continentes, às diferentes regiões do globo, derretendo as camadas polares, derretendo os glaciares, subindo as águas dos oceanos. A gente está encomendando uma tragédia. Temos que deslocar o humano desse lugar de consumir o planeta e evoluir para um movimento biocêntrico, que é a ideia de estar na Terra com a Terra, e não a ideia de estar sobre o corpo da Terra.

Nós estamos sendo exigidos como espécie, os humanos, a uma manobra nos nossos valores, nos nossos paradigmas, onde a própria ideia de centralidade do humano tem que se deslocar. Ou nos deslocamos dessa centralidade antropocêntrica ou vamos acelerar um tipo de resposta do planeta, que é vivo, à nossa fúria. Uma manobra biocêntrica foi o que nos pareceu o gesto mais sensato e até oportunista dos humanos para eles continuarem vivendo um pouco mais nesse planeta, que é um organismo vivo, e que por ter sua própria agência pode escolher uma hora para botar a gente para fora daqui. É um esforço de

conciliação do corpo dos humanos com o corpo da formiga, da palmeira, da árvore, do peixe – esse peixe que não tem mais lugar para viver.

Uma manobra biocêntrica é um deslocamento da espécie humana da centralidade da vida e uma admissão ampla de que a vida nos atravessa em todos os sentidos: o fogo, o ar, a água, a terra, todas as expressões de dinâmica da vida produzem esse mesmo efeito, que é o que chamamos de vida.

Uma manobra biocêntrica, como a própria etimologia da palavra sugere, é pôr a vida no centro. Significa se abrir para uma experiência radical da vida onde tudo tem igual valor: uma célula, uma montanha, os igarapés, os lagos, os rios, os oceanos. A vida é uma experiência ativa de interação de bilhões de organismos o tempo inteiro produzindo efeito.

A Terra é um organismo vivo. Ouvir a Terra é ouvir não só os que vivem na Terra, mas a própria estrutura deste planeta, desse organismo. É parar com esse negócio de que tem uma coisa que é a Terra, e outra coisa que somos nós. A Terra tem resposta para todos nós. E somos nós a resposta da Terra.

Um homem quilombola, Nego Bispo, este pensador, diz que a vida tem começo, meio e fim. A vida tem começo, meio e fim. A vida se produz o tempo inteiro, incessante. A vida só tem começo, meio e fim quando nós, seres humanos, extinguimos as outras espécies. A velocidade com que extinguimos outros organismos é tão grande que, neste momento, muitas espécies estão sendo extintas.

Para a vida existir, ela precisa do corpo da Terra. A vida é um DNA compartilhado por todos os organismos vivos, as plantas, os animais, aquilo que a gente acha que não tem vida, que é inerte. Tudo tem vida: a vida no começo, a vida no meio, a vida de novo. Essa ideia da finitude que aterroriza os humanos vai ser desbaratinada por uma perspectiva biocêntrica. A vida no centro de tudo.

who hold up the sky. These are peoples of the forests, the Andes, the Himalaya, Africa. They are dispersed across the globe in the tiniest minority and, because they are such a minority, they are not heard and do not have a say on how the planet is operated. These constellations of people produce other world narratives in which the human body knows it interacts with other living bodies that possess the same dignity as humans. When building shelter, when gathering food, they have rituals that introduce processes of negotiation among these living organisms, so they may be respected in their integrity.

These cultures produced Sumak Kawsay, a Quechua expression meaning “only what is needed.” They take refuge in small places, small sites, confined within countries that are dictatorships, in regions where extracting is the only way to exist within capitalism – extracting gold, oil, diamonds – extracting, extracting, extracting everything they call “wealth.” As if the greatest wealth we humans could enjoy in life were not the very idea of nature itself. The sea is a thing of beauty, of unrivaled wealth; and so are the mountains, the forests, the Atlantic Forest, the Cerrado, the Pantanal, the Andes, the cordilleras. They are magnificent.

The idea of untouched nature is mythology. There is no untouched nature. The Amazon was said to be uninhabited, but the Yanomami have lived in the forest for at least two thousand continuous years. And yet, people would go as far as calling the Amazon an empty, green hell. The notion of an untouched place is fabricated. I call it a cognitive abyss – this effortless plunge into a mythology that has no rhyme or reason, but in which we are happy to remain comfortably immersed.

Since the advent of modernity, we humans have been urged to imagine we are life’s excellence on Earth, and that everything should serve us – this articulating being. This self-created being is also endowed with subjectivity. And from this realm of subjectivity, he develops[PA2] his idea of memory. This human can create a story for himself. And this narrative has split his body from the other bodies we call nature. He does not confuse himself with a fish, a bird, a guinea hen, a worm – because he

can construct a memory of himself in which he is the only player. A game for one. The others have no voice, no life. Within this realm of memory, life itself becomes something humans may design. Creatures become creators; become demiurges. In this realm of memory, they steal the power of creation and decide what they want to create. A biocentric shift means rethinking established concepts of memory. This task involves giving up our privilege to select which memories we favor, as we become part of a much larger group that includes millions of other beings with memories. There will be a polyphony in which all these organisms must be perceived in their symmetries – like that image of the cosmos where everything moves, producing an effect we might call the harmony of all things.

Humans are the only species inhabiting this organism that claim memory. Human memory is verbose; it does not listen to others, to other memories. When one organism in this whole claims centrality, it is imposing itself. Earth’s ecosystems are degraded by human presence. It is humans who melt glaciers, not seals or bears. If we wish to reflect on memory, we must do so critically, not with praise. For centuries, museums have claimed the privilege of keepers of others’ memories. They do so because they possess the power to loot the world.

Practicing memory differs from establishing it, because you go from producing memory to owning it, to controlling it. When does this transition take place, from the place of memory to the seizure of memory? When does memory become heritage?

Every view is a point – hence the “point of view.” I prefer to think that the Amerindian perspectivism forgoes the proprietorial exercise of memory and experiences it instead as fruition, which enables you to imagine life as a cosmic dance. When I looked at the Museum of the Person’s collection – a collection of nearly thirty-five years – and saw that it had developed a technology of listening in which listening was directed to humans, to sapiens, I wondered: could we turn to this archive of thousands of recorded hours and ask about the non-humans? Not a biography of a person who came from some place – an immigrant, a

Existem outras cosmovisões, outros modos de habitar a Terra, que costumo atribuir a uma constelação de povos que habitam as bordas do planeta, aos quais já me referi como sendo aqueles que adiam o fim do mundo, aqueles que suspendem o céu. São povos que estão nas florestas, nos Andes, no Himalaia, na África, que estão espalhados pelo planeta em uma minoria ínfima e que, por serem minoria ínfima, não são ouvidos, não incidem sobre o modo de operar sobre o planeta. Essas constelações de gente produzem outras narrativas de mundo nas quais o corpo humano sabe que está interagindo com outros corpos vivos com a mesma dignidade que tem o humano: para fazer abrigo, para comer, tem um rito que introduz processos de negociação entre esses organismos vivos para que possam ser respeitados em sua integridade.

Essas culturas produziram o Sumak Kawsay, uma expressão quechua que quer dizer “somente o necessário”. Elas se refugiam em pequenos locais, em pequenos sítios, confinados em países que são ditaduras, em regiões em que o extrativismo é a única maneira de existência do capitalismo, tirando ouro, petróleo, diamante – tirando, tirando, tirando de tudo aquilo que eles chamam de riqueza. Como se a maior riqueza que nós, os humanos, pudéssemos fruir aqui da vida não fosse a própria ideia da natureza. Um mar é uma coisa tão maravilhosa, é uma riqueza incomparável, as montanhas, as florestas, a mata atlântica, o cerrado, o pantanal, os andes, as cordilheiras. É um maravilhamento.

A natureza intocada é uma mitologia. Não tem natureza intocada. Se dizia que a Amazônia era um lugar que não tinha ninguém. Os Yanomami são um povo de pelo dois mil anos contínuos de história dentro da floresta. Mas, mesmo assim, a gente cometia o grave absurdo de dizer que a Amazônia era o inferno verde, vazio. E esse lugar intocado é uma construção. Eu chamei de abismo cognitivo esse mergulho folgado que a gente dá numa mitologia sem pé nem cabeça, mas que a gente fica dentro dessa mitologia à vontade.

Desde o advento da modernidade, nós, os humanos, fomos instados a imaginar a excelência da vida sobre o planeta, na qual tudo deveria

estar em função deste ser que articula. Este sujeito autoinstituído, ele também tem subjetividade. É desse campo da subjetividade que vai se desenvolver a ideia de uma memória. Esse humano, ele é capaz de criar uma história para si mesmo. Essa narrativa cindiu esse corpo dos outros corpos que chamamos de natureza. Ele não se confunde com um peixe, um pássaro, uma galinha-d’angola, uma minhoca, porque ele é capaz de instituir uma memória de si onde ele é o único jogador. Um jogo onde só ele joga. Os outros não têm voz, os outros não têm vida. A própria ideia da vida fica, no campo da memória, como algo que pode ser desenhado pelos humanos. De criaturas eles passam a ser criadores, eles são os demiurgos. Nesse campo da memória, roubam o poder da criação e decidem o que querem criar.

A manobra biocêntrica implica rever a ideia instituída de memória. Esse esforço implica uma renúncia desse privilégio de escolher que memória a gente quer, porque vamos estar implicados com milhões de outros organismos que têm memória. Vamos ter uma polifonia onde todos esses organismos precisam ser percebidos nas suas simetrias, como aquela imagem do cosmos, onde tudo se move, produzindo um efeito que podemos chamar de harmonia de tudo.

Os humanos se constituem na única espécie que habita esse organismo que reivindica memória. A memória do humano é tagarela, não escuta os outros, não escuta outra memória. Se um organismo no meio disso reivindica a centralidade de tudo, ele está se impondo. Os ecossistemas terrestres estão aviltados pela presença dos humanos. São os humanos que derretem os glaciares, não são as focas nem os ursos.

Se quisermos refletir sobre a memória, teremos que fazer uma reflexão crítica. Não uma reflexão elogiosa. Os museus reivindicaram por séculos o privilégio de serem os guardiões da memória alheia. Eles fazem isso porque têm o poder de ir lá saquear o mundo.

Uma coisa é praticar memória, outra coisa é instituir memória, porque você faz um trânsito entre a experiência de produzir memória e passa a ser aquele que pode deter a memória, que pode



migrant, a refugee, an executive, a laundress... It is a democratic archive; it contains many types of memories. But it is always the memory of the same sapiens, of the same species that are consuming the Earth. How to escape this? How do I question this archive and ask: Where did these people come from? Does the place from where they came still exist? Can you still drink from the stream from which they used to drink? If there was forest, is there still a forest? What does the landscape where this person once walked look like now? Faced with these questions, I sought to extend my gaze beyond the humans who centralize everything, and I wondered: what if we were to transition toward a biocentric view, in which the human ceases to be central, and all organisms that constitute life are invited to speak, to express themselves? Beyond the notion of giving voice to non-human beings, it is about seeking a possible language to address the landscape, the world around us. Whether you are in a metropolis, on a mountain ridge, in the Andes – how do you question your surroundings? And all those other organisms around you – what do they say? What memories do they hold?

Now let us add another question, one that emerges from the very surroundings in which humans speak, from the place where they lived. This allows us to think about how much we want to ask outward, and how we want to work with the existing archive. What new questions will be asked? When we listen to the story of someone who is in Pinheiros, do the sewage and smell of the Tietê River tell us nothing? A biocentric shift requires looking at what has been silenced inward.

This question is a choice, a decision. The possibility of becoming plural requires another way of knowing the world, another disposition toward the world. This question may encourage other people, projects, and institutions to consider adopting a biocentric stance. We should feel free to propose ideas about ecologies of memory and an intentional biocentric shift – one that entangles and combines everything – toward a better understanding of what nature is. Because then we can embrace nature as ourselves.

And then, maybe the Museum of the Person may take it upon itself to make public all advances in the

understanding of memory – ecologies of memory – until we reach new landscapes of ourselves.

By their nature, the individual and the identity need this mythology of invoked things, of the possibility to create separation. The only separation that exists is in our minds. Everything else is mixed. We are part of this world; even our dysfunctions as a species belong to this world, revealed in their dysfunctionality. For better and for worse. This mixing of everything is so contained that it includes both what we want and what we do not.

Biocentrism is an affective disposition toward life. Instead of choosing what you want from life, you embrace all of life. And if we examine ourselves as individuals, or as a species, we must have a world as well. It is present within us. Nature is us, as much as it is the mountain. This is a way of rethinking ourselves. Self-knowledge.

**Ailton Krenak**  
Curator of the 2025 program

controlar. Em que momento acontece esse trânsito entre o lugar da memória e a apropriação da memória? Quando é que a memória vira patrimônio?

Toda vista é um ponto. Por isso que existe o ponto de vista. Eu prefiro considerar que o perspectivismo ameríndio dispensa o exercício patrimonial da memória e a experimenta como fruição, que é o que te permite imaginar a vida como uma dança cósmica.

Quando eu observei o acervo do Museu da Pessoa, chegando já aos seus 35 anos, e vi que tinha desenvolvido uma tecnologia de escuta em que a escuta era dirigida a esse sujeito, esse sapiens, eu pensei: será que a gente poderia se voltar para esse acervo com milhares de horas de gravação e perguntar sobre os não humanos? Não aquela biografia de uma pessoa que saiu de algum lugar, um imigrante, um retirante, um refugiado, um executivo, uma lavadeira... esse acervo é democrático, ele tem todo tipo de memória. Mas é a memória do mesmo sapiens, do mesmo sujeito que come a terra. Como escapar disso? Como interpelar esse acervo e perguntar de onde essas pessoas vieram? O lugar de onde eles saíram ainda existe? O riacho onde eles bebiam água ainda é potável? E se tinha mata, ainda tem? Como está a paisagem por onde essa pessoa se deslocou? Diante desse questionamento, eu busquei um olhar aberto para além desse sujeito que centraliza tudo e pensei: e se a gente fizesse uma manobra desse lugar num sentido biocêntrico na qual o humano deixa de ser essa coisa central e todos os organismos que constituem a vida são convidados a falar e a se pronunciar. Para além da ideia de dar vozes a outros seres não humanos, é buscar uma linguagem possível para interpelar a paisagem, esse mundo ao nosso redor. Não importa se você está numa metrópole, numa cabeceira de uma serra, nos Andes... como interpelar o seu entorno? E esses outros organismos todos que estão por aí? O que dizem? Que memória têm?

Agora vamos acrescentar uma outra pergunta. Uma pergunta que vem do entorno em que esse sujeito fala, do lugar onde viveu. Isso permite uma reflexão sobre quanto queremos fazer perguntas para fora e como queremos trabalhar o acervo existente. Quais novas perguntas serão feitas?

Como você escuta a história de alguém em Pinheiros? O esgoto e o cheiro do Tietê não contam nada? A manobra biocêntrica implica ver o que foi silenciado para dentro.

Essa pergunta é uma escolha e uma decisão. A possibilidade de a gente ser plural, ela exige outro jeito de conhecer o mundo, outra disposição para o mundo. Essa pergunta vai ajudar outras pessoas, outros projetos e instituições a considerar a possibilidade de ter uma postura biocêntrica. A gente deveria ficar muito à vontade para lançar teses sobre ecologias de memórias e uma manobra, intencional, biocêntrica, de envolvimento e mistura de tudo no entendimento do que é a natureza. Porque daí a gente pode abraçar a natureza como nós mesmos.

Então, de repente, o que o Museu da Pessoa vai incluir entre as suas tarefas é tornar público tudo o que rola como avanço do entendimento de memória, ecologias de memórias, até que a gente alcance outras paisagens sobre nós mesmos.

O indivíduo e a identidade precisam, eles necessitam, pela sua constituição, dessa mitologia de coisas invocadas, ou da possibilidade de instituir a separação. A única separação possível acontece dentro da nossa mente. O resto é tudo misturado. Nós somos parte desse mundo, inclusive as nossas disfuncionalidades como espécie são parte também desse mundo, se revelando na sua disfuncionalidade. Para bem e para pior. Esse tudo misturado, ele é tão contido que ele traz as coisas que a gente quer e as que a gente não quer também.

O biocentrismo é uma disposição afetiva com a vida. Ao invés de você escolher o que você quer da vida, você abraça a vida com tudo. E se a gente pesquisa em nós como pessoa, ou em nós como espécie, a gente tem que ter um mundo também. Ele está presente em nós. A natureza somos nós, tanto quanto a montanha. Isso é uma forma de a gente repensar-se. Autoconhecimento.

**Ailton Krenak**  
Curador da programação 2025



# No life is like another. How many of them do we hear?

# Não há uma vida igual à outra. Quantas delas escutamos?

Ailton Krenak entered calmly, took his seat, and, with a deliberate and composed tone, proposed a profound shift in the Museum of the Person's perspective.

What if we stopped believing that human beings are so special that they deserve to occupy the center of the Earth, history, and memory? What if we began to think of life – and not only human life – as the true center of everything? What if we stopped assigning this exclusive place on Earth to humans?

How should one proceed? For the past 33 years, the Museum of the Person has maintained a commitment to documenting life stories, striving to listen attentively and ensure each narrative endures. And over all these years, we have noticed that the voices are becoming increasingly noisy. We speak without listening. We record everything to exist. We share without reflection, only to maintain the illusion of belonging. Have we abandoned ourselves? What in all our incessantly recorded and shared experiences holds true meaning? Is there still a being inside us? Total memory is the end of memory. Speech reduced to banality no longer connects people, but rather groups them into frantic identities defined only in opposition to the other.

Memory is a personal place, silent, without words. Our refuge. Our untransferable, unassailable place of being. The stories collected over these years carry fragments of narratives, of images, flashes each person glimpses when visiting their memory. We might say that each person's memory is their own museum. And though this is an exclusive and personal museum, it is also permeated by the

marks of relationships each individual sustains with others. The “we” is present within the “I” through narratives shared in a community of memory. It is this sensation that connects each one of us to the other, or to the others. This connection is what allows us to see a piece of the other within ourselves. But what if the other were not just humans? What if we began to recognize our entanglements with life itself? To be part, rather than the center?

Biocentrism is the pursuit of expanded listening. It means listening not only to other humans, but to all the others who make up the world around us. Listening is searching for the other. It is silencing ourselves so that the world may speak. We listen with our ears, we listen with our pores, we listen with our minds, we listen with our touch, we listen with our soul.

The Museum of the Person seeks the person within the world, and the world within the person. It makes listening and narrating a constant exercise in self-knowledge. Within this practice lie the openings through which transformation becomes possible. We want to move away from noisy speech and an ever-deepening absence of self, to seek instead another kind of listening. The listening that may allow us to move beyond the boundaries we create of our own selves.

To revise our manifesto is to revise our gaze upon ourselves. It is to remain open to revisiting our listening, our sense of being. There is no attachment. There are possibilities for new horizons, new possibilities of being.

Ailton Krenak chegou assim de mansinho. Sentou-se e, com uma fala pausada, foi, aos poucos, propondo uma mudança abissal na perspectiva do Museu da Pessoa.

E se deixássemos de pensar que o ser humano é um ser tão especial que merece ocupar a centralidade da Terra, da história e da memória? E se passássemos a pensar a vida, e não apenas a vida humana, como sendo o centro de tudo? E se abandonássemos o lugar exclusivo dado ao ser humano sobre a Terra?

O que fazer? Deixar de existir? O Museu da Pessoa completa 33 anos dedicados às histórias de vida, procurando uma escuta profunda, buscando transcendência em cada narrativa. Em tantos anos de atuação percebemos que as falas foram se tornando cada vez mais ruidosas. Uma fala sem escuta. Registramos tudo para existir. Compartilhamos sem pensar apenas para ter a ilusão de pertencer. Será que acabamos nos ausentando de nós mesmos? O que de nossas experiências incessantemente registradas e compartilhadas têm, de fato, significado? Há ainda um ser em nós? A memória total é o fim da memória. A banalidade da fala deixou de conectar pessoas e passou a agrupá-las em identidades frenéticas que se definem apenas em contraposição ao outro.

A memória é um lugar pessoal, silencioso, sem palavras. Nosso refúgio. Nosso lugar intransferível, intransponível, nosso lugar de ser. As histórias coletadas ao longo desses anos trazem fragmentos de narrativas, de imagens, dos lampejos que cada pessoa tem ao visitar sua

memória. Poderíamos dizer que a memória de cada pessoa é seu próprio museu. Ainda que este seja um museu exclusivo e pessoal, ele é também permeado pelas marcas das relações que cada indivíduo tem com os outros. O Nós está presente no Eu por meio das narrativas compartilhadas em uma comunidade de memória. Esta conexão é o que possibilita que se perceba um pedaço do outro em mim. E se o outro não fosse só humano? E se passássemos a perceber nossos envolvimento com a vida em si? Sermos parte e não centro.

O biocentrismo é a busca pelo alargamento da escuta. Significa passar a escutar não só o outro humano, mas todos os outros que fazem parte do mundo que nos rodeia. A escuta é a busca pelo outro. Ela é o silêncio de nós mesmos em busca do que o mundo tem para nos contar. Escutamos com os ouvidos, escutamos com os poros, escutamos com a mente, escutamos com o tato, escutamos com a alma.

O Museu da Pessoa busca a pessoa no meio do mundo e o mundo na pessoa. Faz do ouvir e do narrar um exercício constante de autoconhecimento. Neste exercício é que residem as frestas que possibilitam que haja algum tipo de transformação. De uma fala ruidosa, de uma ausência cada vez mais forte de si, vamos buscar outra escuta. A escuta que pode nos levar a deixar de nos circunscrever a nós mesmos.

Rever nosso manifesto significa rever nosso olhar sobre nós próprios. Significa estarmos abertos para rever nossa escuta e nosso sentido de ser. Não há apego. Há possibilidades de novos horizontes, novas possibilidades do ser.



REVISED MANIFESTO

No life is like another. Imagine: billions of lives on Earth, no two alike. Each has a unique weave. Lives are unique, as are the ways of telling their stories. If we think of every being – both human and non-human – as weaving their own stories on Earth, we arrive at billions of lives times countless stories, something like infinite stories hovering over the Earth.

How many of them do we hear? How many of them are truly heard? How can we transform our listening into one that embraces more than words? What would change, or might change, if we paid closer attention to the landscapes of which we are part? We do not know for certain. We only know that something would change. Something would surely change.

What, in our own lives, do we fail to perceive? What in the landscape transforms us as it transforms itself? We are not the center; we are part. How do we learn to feel ourselves as part, and not the whole? How do we look humbly and lovingly upon the world that surrounds us, creates us, constitutes us, and dissolves us into it? Why is it worth the effort?

It is worth it because

There is not only a single memory. What exists is a weaving of human and non-human memories. We must not become objects of ourselves, nor reduce the world into the object of our living. We are but a part, not the whole.

It is worth it because

Every soul is an entire world, and each of these worlds is different from all the others. We are unrepeatable, irreplaceable, and part of a greater whole. No destiny can be compared to another. Each of us is only a part, never the whole.

It is worth it because

Human beings, whatever their tribe or culture, share memory. The person does not outweigh the group, nor is the “I” more important than the “you” or the “we.” Each one of us must matter infinitely. Thus, destroying one person is like destroying an entire world. And saving one person is like saving an entire world.

It is worth it because

Balance is achieved when all are heard. Listening is as important as speaking. Listening can change how we see the world.

It is worth it because

Learning to listen to the Earth is silencing the “I” that speaks incessantly of itself. Silence is listening to the other. Silence can be the expansion of listening.

It is worth it because

One day, stories – human and non-human, whether filled with adventure or steeped in ordinariness – will be recognized as part of our shared heritage. One day, life itself will be regarded as a pyramid of Egypt. And the museums of the future will then be our lives.

This manifesto counts with the generous, involuntary collaboration of the Mishnah, and of Ailton Krenak, Amos Oz, John Donne, Orhan Pamuk, Sigmund Freud, Viktor Frankl, and me.

MANIFESTO REVISTO

Não há uma vida igual à outra. Imagine. Bilhões de vidas sobre a Terra. Nenhuma igual à outra. Cada uma com sua própria trama. As vidas são únicas, assim como as formas de contá-las. Se pensarmos que cada ser – humano e não humano – tece suas histórias na Terra, isso acaba por resultar em bilhões de vidas vezes inúmeras histórias, o que daria algo como infinitas histórias que pairam sobre a Terra.

Quantas delas escutamos? Quantas delas são escutadas? Como transformar nossa escuta em uma escuta que envolva algo além das palavras? O que muda, ou poderia mudar, se passássemos a prestar mais atenção nas paisagens das quais fazemos parte? Não sabemos exatamente. Apenas sabemos que algo mudaria. Sabemos que algo certamente mudaria.

O que, em nossa própria vida, deixamos de perceber? O que, da paisagem, se transforma e nos transforma? Não somos o centro. Somos parte. Como aprender a nos sentir parte e não todo? Como olhar amorosa e humildemente para o mundo que nos cerca, nos cria, nos constitui e nos dilui nele? Por que vale a pena tentar?

Vale a pena porque

Não existe uma só memória. O que existe é uma tessitura de memórias humanas e não humanas. Não devemos nos tornar objetos de nós mesmos, e nem o mundo objeto de nosso viver. Somos parte, e não o todo.

Vale a pena porque

Nenhum homem é uma ilha. Toda alma é um mundo inteiro, e cada mundo desses mundos é diferente de todos os outros. Somos irrepetíveis, insubstituíveis e partes de um todo. Nenhum destino pode ser comparado com os outros. Cada um de nós é parte, e não todo.

Vale a pena porque

Os seres humanos, independentemente de sua tribo, de sua cultura, compartilham uma memória. A pessoa singular não é mais pesada que o grupo, tampouco o eu mais importante que o você ou o nós. Cada um deve ser infinitamente importante. Assim, quem quer que destrua uma única alma conta como se tivesse destruído um mundo inteiro; e quem quer que salve uma alma conta como se tivesse salvo um mundo inteiro.

Vale a pena porque

O equilíbrio é alcançado quando todos são ouvidos Ouvir é tão importante quanto falar Ouvir pode mudar seu jeito de ver o mundo

Vale a pena porque

Aprender a escutar a Terra é silenciar o eu que fala incessantemente sobre si. O silêncio é a escuta do outro. O silêncio pode ser o alargamento da escuta.

Vale a pena porque

Um dia haverá em que as histórias, humanas e não humanas, cheias de aventuras ou plenas de banalidades, sejam percebidas como parte de nosso patrimônio. Um dia haverá em que a vida será considerada a pirâmide do Egito. E os museus do futuro serão, então, as nossas vidas.

Esse manifesto conta com a generosa colaboração involuntária da Mishná e de Ailton Krenak, Amós Oz, John Donne, Orhan Pamuk, Sigmund Freud, Viktor Frankl e eu.



# Residues of Memory

The exhibition Have You Ever Listened to the Earth? invites us to look at materials with renewed attention. Each object, re-signified by many hands, makes known that the future will depend on our capacity to transform our relationship with matter, which will always remain present on the planet. Motivated by the curatorial concept, I sought to build an environment in which each person could be enveloped by natural rhythms and textures that reveal hidden layers of the Earth, felt as a living organism, full of memories and movement.

To create the “Mantle,” I researched several forms of weaving, combining recycled yarns, bits of plastic, electrical wires, and other wastes. Together with the Museum of the Person team, we organized collective weaving experiences in partnership with groups from different cities across the country. This process helped me understand that matter, when handled collectively, carries a very special energy. Later, in Belém, production began with research into discarded or leftover textile waste from workshops and stores. In this process, I learned that these materials first pass through artisanal labor and are then discarded into landfills.

When we decided that the Mantle would be created through collective crochet work, my textile assistant, Bia Carneiro, suggested working with groups of women who sew and embroider (linked to three organizations in Belém: Gempac, Nugem, and OCAS).\*

We then searched for other types of waste to complement the exhibition’s production. Plastic bags, scraps of canvas, fabric remnants, and more passed through the hands of cutters who trimmed the materials so they could later be transformed into crochet; açai pits were sun-dried and sifted before being used to fill cushions; scraps were individually cut to maintain the exact proportions of the tapestry that represents the “Rivers of Memory.” We also used raffia sacks, transport pallets, wood sawdust, among other materials. Each newly researched material brought new challenges.

The Ponto de Cultura Ninho do Colibri, located in the district of Outeiro, collected PET bottles from the region’s river beaches. The group cleaned and cut the material themselves, after which a team of scenography students worked the plastic into organic shapes that complemented the immersive room covered by the Mantle. In search of more residues, my team and I accompanied the group Brigada Ribeirinha in the collection of plastics and textile waste on the islands of Papagaio and Combú, on the banks of the Guamá River. This group, composed of around fifty people, carries out monthly canoe expeditions aimed at getting to know the surroundings and removing the waste that accumulates on the islands’ beaches. At the end of each day, the group transports between 400 and 500 kg of waste.

All of these residues, transformed into art and memory, became magnetized by the energy of nature and by the collective spirit. We live in a time when it is no longer possible to separate nature from culture; when our footprints and traces have left profound marks on the environment; when we gradually recognize that we are but one species among the thousands we endanger every day. It is essential that we reinvent our presence on the planet.

This exhibition is an invitation to recognize life in its broad and plural sense; a call to listen beyond the human. My hope is that this encounter with residues that were transformed into art will inspire not only admiration, but also a shift in how we think about and participate in the world.

**Marcelo Larrea**  
Visual artist and scenographer

\*Nugen: Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero da Defensoria Pública do Estado do Pará  
Gempac: Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará  
OCAS ONG: Organização Comunitária de Adesão Social

\*Nugen: Center for the Prevention and Combat of Gender Violence, Public Defender's Office of the State of Pará  
Gempac: Group of Women Prostitutes of the State of Pará  
OCAS NGO: Community Organization for Social Engagement

# Resíduos de Memória

A exposição Você já Escutou a Terra? propõe que olhemos para os materiais com uma atenção renovada. Cada objeto, ressignificado por muitas mãos, evidencia que o futuro dependerá da nossa capacidade de transformar nossa relação com a matéria, que estará sempre presente no planeta.

Motivado pelo conceito da curadoria, busquei construir um ambiente em que cada pessoa se deixasse envolver por texturas e ritmos naturais que revelassem camadas ocultas da Terra, sentida como um organismo vivo, pleno de memórias e movimentos.

Para compor o “Manto”, pesquisei diversas formas de tecer, complementando linhas recicladas, restos de plásticos, fios elétricos e outros resíduos. Junto com a equipe do Museu da Pessoa, promovemos, com grupos em diferentes cidades do país, a experiência de tecer o “Manto” coletivamente. Este processo me ajudou a entender que a matéria, tratada de forma coletiva, carrega uma energia muito especial. Já em Belém, o processo de produção se deu a partir de uma pesquisa de resíduos têxteis descartados ou disponibilizados por confecções e lojas. Neste processo aprendi que esses materiais passam primeiro pela mão de obra de artesanato e logo são descartados nos aterros sanitários.

Quando definimos que o processo de produção seria um crochê coletivo, minha assistente têxtil, Bia Carneiro, sugeriu trabalhar com grupos de mulheres costureiras e bordadeiras (vinculadas a três entidades em Belém: Gempac, Nugem e OCAS)\*.

Em seguida, saímos à procura de outros tipos de resíduos que complementassem a produção da exposição. Sacos plásticos, restos de lona, restos de tecido e outros passaram pela mão das cortadeiras que alinharam o material para que fosse, depois, transformado em crochê; caroços de açai foram secados ao sol e peneirados antes de serem colocados em almofadas; retalhos foram cortados individualmente, para que mantivessem a proporção exata da tapeçaria que representa os “Rios de Memórias”. Utilizamos, ainda, sacos

de ráfia, paletes de carga, serragem de madeira, entre outros materiais. Cada novo material pesquisado trazia novas formas de manuseio.

O Ponto de Cultura Ninho do Colibri, do distrito de Outeiro, fez uma coleta de garrafas PET nas praias de rios da região. Esse material foi higienizado e cortado pelo próprio grupo e, em seguida, uma equipe composta por estudantes de cenografia trabalhou o plástico criando formas orgânicas, que serviram de complemento da sala imersiva coberta pelo manto. Em busca de mais resíduos, acompanhei com minha equipe o grupo Brigada Ribeirinha, na coleta de plásticos e resíduos têxteis nas ilhas do Papagaio e Combú, às margens do Rio Guamá. Este grupo, composto por aproximadamente 50 pessoas, realiza, a cada mês, uma excursão de canoas que tem como objetivo conhecer o entorno e mitigar os resíduos que ficam nas praias das ilhas. Ao final de cada dia, o grupo consegue transportar cerca de 400 a 500 kg de resíduos.

Todos esses resíduos, transformados em arte e memória, foram magnetizados pela energia da natureza e do espírito coletivo. Vivemos em um tempo em que já não é possível separar natureza de cultura; em que nossas pegadas e vestígios deixaram marcas profundas no ambiente; em que, pouco a pouco, reconhecemos que somos apenas uma espécie entre milhares de outras espécies que colocamos em risco a cada dia. É imprescindível reinventar nossa presença no planeta.

Esta exposição é um convite a reconhecer a vida em seu sentido amplo e plural; é um chamado para escutarmos além do humano. Desejo que este encontro com resíduos convertidos em arte desperte não só admiração, mas que possa provocar uma mudança no modo como pensamos e participamos do mundo.

**Marcelo Larrea**  
Artista visual e cenógrafo





# From Source to Sea

It was a privilege to explore this extensive archive maintained by the Museum of the Person, encompassing nearly thirty-five years and featuring a substantial array of recorded narratives. With the help of the museum’s team and of its director, Karen Worcman, I enjoyed fishing out the accounts that compose this River of Memories. At every bend, one encounters inspiring words woven into testimonies of disaster – resilience and reinvention – told by people from many corners of the country. These are stories of bereavement and struggle, telling of a shifting world increasingly battered by climate change and by the pressures of capital on traditional ways of life. Yet, one that also finds the resistance of men and women – farmers, scientists, archaeologists, activists, teacher, politician, environmentalist – all embodying, as Ailton Krenak says, “an affective disposition toward life.”

Our watercourse springs from the voice of Chief Raoni, to evoke the mythological time when the Earth was still unified. Niède Guidon, one of the greatest archaeologists of our time and who recently left us, shares the wonder of her discoveries about very ancient human presence on Brazilian soil. Carlos Papá, of the Mbya Guarani people, calls us to a state of full attention and prepares us for what is to come: Simão leads us into the embattled territory of the Guarani Kaiowá in Mato Grosso do Sul; Mônica takes us to the tragedies of Mariana and Brumadinho in Minas Gerais; Mauricio makes us pause to see a centuries-old tree in Rio de Janeiro; Eduardo reminds us of the Amazon droughts; Ângelo, of the Pantanal fires; Vitoria and Luciani transport us to the floods in Rio Grande do Sul; Andreia, to the ground sinking in Maceió.

Lucila, a young chief of the Nawa people, insists on standing firm alongside the forest in the state of Acre, the ancestral home of her people. Vergínia, a woman of the Pantanal, evokes the importance of respecting the principles and the timing of things, while Binho offers a reckoning of decades of environmental struggles and reflects on what lies ahead. Finally, Wenatoa Parakanã, on the banks of the Xingu River in Pará, reminds us of the importance of telling stories so that others may know them as, after all, “the struggle never ends; it always goes on.”

I wish everyone courage, and I invite you to navigate with us in these waters that are at times crystalline, at times turbulent – just like life itself.

**Rita Carelli**  
Writer and filmmaker

# Da fonte à foz

Foi um prazer mergulhar nesse generoso acervo do Museu da Pessoa, com quase trinta e cinco anos de existência e tantas histórias registradas para, com a ajuda da equipe e de sua diretora, Karen Worcman, pescar os relatos que integram esse Rio de Memórias. Em cada curva dele é possível encontrar palavras inspiradoras em meio a relatos de desastres, resiliência e reinvenção, contadas por pessoas de vários cantos do país. São histórias de luto e de luta, testemunhos em um mundo movente, cada vez mais assolado pelas mudanças climáticas e pela pressão do capital sobre os modos de vida tradicionais, mas que encontra a resistência de homens e mulheres, agricultores, cientistas, arqueólogos, ativistas, professora, político, ambientalista, em, como diz Ailton Krenak, “uma disposição afetiva diante de vida”.

Nosso corpo d’água brota da voz do cacique Raoni, evocando o tempo mitológico quando a terra ainda era una. Niède Guidon, grande arqueóloga do nosso tempo e que há pouco nos deixou, partilha o encantamento de suas descobertas da antiquíssima presença humana em terras brasileiras. Carlos Papá, do povo Mbya Guarani, nos incita a um estado de atenção plena e nos prepara para o que está por vir: Simão nos leva ao território conflagrado dos Guarani Kaiowá, no Mato Grosso do Sul; Mônica, à tragédia de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais; Mauricio nos faz parar para observar uma árvore centenária no Rio de Janeiro; Eduardo nos lembra das secas amazônicas; Ângelo, das queimadas no pantanal; Vitoria e Luciani nos transportam para as enchentes do Rio Grande do Sul; Andreia, para os afundamentos em Maceió.

Mas Lucila, jovem cacique do povo Nawa, teima em se manter de pé junto à floresta, no estado do Acre, morada ancestral de seu povo. Vergínia, mulher pantaneira, evoca a importância de se guardar, respeitar os preceitos e o tempo das coisas, enquanto Binho faz um balanço das lutas ambientalistas das últimas décadas e reflete sobre o futuro. Para terminar, Wenatoa Parakanã, às margens do rio Xingu, no Pará, nos lembra da importância de contar as histórias para que outros as conheçam, afinal: “a luta não para nunca, sempre continua”.

Desejo a todos coragem e os convido para navegar conosco nessas águas, ora cristalinas, ora turbulentas, feito a vida.

**Rita Carelli**  
Escritora e cineasta



# Just Listen...

Karen's invitation to create this soundscape gave me great joy. Music has always exerted a strong pull on me... a kind of calling. It is, in truth, a way of being in the world. It is not like that all the time, only at certain moments...

Every sound is, in fact, a note, and its relationship with other sounds ends up establishing a rhythm. Paying attention to all these possibilities places us in another dimension – of listening, of perceiving, and often of discoveries and wonder. What the Earth hears and radiates is undeniably infinite. So is each being and each object that shares its existence with us in this time and space: plants, trees, flowers, insects, animals, rivers, oceans, volcanoes, machines, and so forth.

What you hear in this soundscape is merely a fragment of aspects of nature and voices from Brazil's Indigenous peoples and some quilombola communities. A universe at risk, which requires our care and attention. Each noise and each expression is part of an enchanted world. Nothing in the realm of commodities justifies its threatened state. Five hundred tons of gold are not worth the sound of a bird or an ancestral voice filled with beauty.

But to become aware of this, we must unlock new possibilities, expanding while, at the same time, simplifying. Understanding that life is a gift we share with all beings, from all kingdoms, and that, as the wise saying goes: "We are all merely passengers – all except the driver and the fare collector."

An important inspiration and reference for this work came from North American researcher and musician Bernie Kirsch, who for over 55 years has been recording sounds from the natural world with extraordinary quality. Some of the sounds presented here, which I found online, were captured by him.

I am deeply grateful to Kabé Pinheiro, who accompanied me on this adventure, recording and mixing with his usual skill; and to Fernando Sardo, musician, and inventor of beautiful instruments.

**Benjamim Taubkin**  
Musician and producer

# Vai ouvindo...

Recebi com alegria o convite da Karen para criar esta paisagem. A música em tudo sempre teve uma forte atração para mim... uma espécie de chamado. É, na verdade, uma maneira de estar no mundo. Não acontece todo o tempo, apenas em alguns momentos...

Todo som é, na verdade, uma nota, e sua relação com os outros sons acaba por estabelecer um ritmo. A atenção para todas estas possibilidades nos coloca em outra dimensão. De escuta, de percepção. E, muitas vezes, de descobertas e maravilhamento. O que a Terra ouve e emite é, sem dúvida, infinito. Assim como cada ser e objeto, que divide sua existência conosco, neste tempo e espaço – planta, árvore, flor, insetos, bichos, rios, oceanos, vulcões, máquinas, etc.

O que se ouve nesta paisagem sonora é apenas um recorte de aspectos da natureza e vozes dos povos originários do Brasil e alguns quilombolas. Um universo em risco e que necessita de nosso cuidado e atenção. Cada ruído e cada expressão é parte de um mundo encantado. Não há nada no campo das mercadorias que justifique seu estado de risco. 500 toneladas de ouro não valem o som de um pássaro ou uma encantadora voz originária.

Mas, para estarmos conscientes disso, temos que abrir outras possibilidades, expandir e, ao mesmo tempo, simplificar. Entender que a vida é uma dádiva que compartilhamos com todos os seres, de todos os reinos, e que, como dizia aquele sábio ditado: "Somos apenas todos passageiros – menos o motorista e o cobrador".

Uma inspiração e referência importante para esta criação foi o pesquisador e músico norte-americano Bernie Kirsch, que vem registrando sons do meio natural há mais de 55 anos, com uma altíssima qualidade. Parte dos sons aqui apresentados foram por ele gravados (que encontrei na rede).

Agradeço imensamente ao Kabé Pinheiro, companheiro nesta aventura, que gravou e mixou com a competência de sempre. E ao Fernando Sardo, músico e inventor de lindos instrumentos.

**Benjamim Taubkin**  
Músico e produtor





▲  
 Mestre Laurene, da Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro (PA), parceira na preparação dos resíduos e na tessitura do manto.  
 Master Laurene, from the Folkloric and Cultural Association Colibri de Outeiro (PA), a partner in preparing materials and weaving the mantle

◀  
 Lourdes Barreto registrando sua história na cabine.  
 Liderança do GEMPAC, foi parceira na tessitura do manto.  
 Lourdes Barreto recording her story in the booth. A leader at GEMPAC, she was a partner in weaving the mantle

▲  
 Sala "Rio de Memórias"  
 Room "River of Memories"

>  
 Visitantes na sala  
 "Você já escutou a Terra?"  
 Visitors in the room  
 "Have You Ever Listened to the Earth?"





“Eu estava em choque, era um cenário de apocalipse. A água veio do contrário do rio. Uma cidade ribeirinha, a Eldorado do Sul, encheu mais de três metros e não tinha por onde ir a água, então ela veio por toda a BR e entrou dentro do meu bairro, que é muito longe. Aí que eu comecei a ver. Ele falou: 'Tá vindo muita água'. Até tu olhar a rapidez daquela água, tu não entende o que que tá acontecendo. A gente subiu geladeira, subiu o que dava. Eu achava um máximo a gente sempre banhado por rio... Rio era muito legal. Ninguém olha mais pro rio da mesma forma.”

VITORIA SILVEIRA

Nasceu em ~~Guilherme~~ Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 2000. Após ser atingida pelas enchentes em 2024, se engajou voluntariamente para ajudar outros afetados e passou a trabalhar na CUFA (Central Única das Favelas).

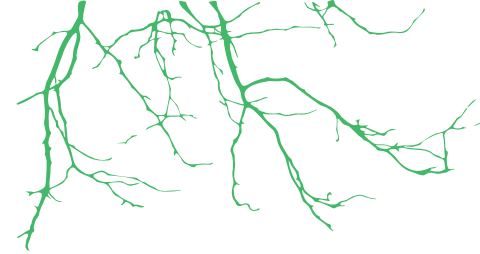
“

Logo que a água baixou, eu passei na rua principal. Foi como se eu tivesse entrado em uma outra dimensão. Um cheiro muito forte daquele lodo. A água veio com força, chegou desorganizando tudo, vindo pra pedir mudanças pra todos nós. Ninguém esperava, o governo não esperava, a população não esperava. Hoje teve desmoronamento na serra, daqui a pouco vão ser queimadas. É o vento. Agora mesmo teve vento a não sei quantos quilômetros, que se perdeu algumas casas.”

LUCIANI DOS SANTOS

É assistente social nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1971. Em 2024, atuou no projeto Calamidade, atendeu à população.





# The paths between lives, voices and knowledges

The listening process that supports the exhibition Have You Ever Listened to the Earth? emerges from the Museum of the Person's immersion in the six Brazilian biomes. Between 2024 and 2025, more than fifty people shared their life stories, perceptions, and ways of relating to the Earth. In each territory – the Amazon, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Atlantic Forest, and Pampa – the act of attentive listening revealed not only individual stories but also distinctive ways of understanding the world, of working, and of belonging to a place.

These interviews, conducted through the Social Technology of Memory, created space for the intertwining of lives (some threatened), of voices affected by climate change, and of knowledge of many kinds. The listening methodology allowed each voice to be heard without hierarchy: ancestral knowledge, scientific discoveries, fears, and joys mingle with familiar memories or concerns about environmental and economic transformations.

The Earth emerges not as a symbol, but as a concrete presence – water, wind, fire, air, soil – that shapes life and is shaped by it. These narratives allow us to build a sensitive and diverse mosaic of contemporary Brazil, acknowledging both the human and the non-human.

The recordings, conducted in 14 Brazilian states, were only made possible thanks to the support of several organizations that facilitated meetings, access, and travel. I highlight here the partnership with the Human Rights, Democracy and Memory Research Group (GPDH) of @marilEA-USP, which was fundamental in mapping interviewees and providing qualified mediation between the Museu da Pessoa and local researchers and community leaders.

We hope each reader may approach these voices with attention and curiosity, recognizing in the narratives gathered for this exhibition many distinct ways of perceiving and inhabiting the world. And that, by listening to these stories, we may also listen to the Earth itself – its changes, its silences, its signs – and reflect on the place we occupy within this web that binds us all.

**Lucas Lara**

Director of Museology, Museum of the Person

# Os caminhos entre vidas, vozes e saberes

O processo de escuta que fundamenta a exposição Você já Escutou a Terra? nasce da imersão do Museu da Pessoa nos seis biomas brasileiros, onde mais de cinquenta pessoas, entre 2024 e 2025, compartilharam suas trajetórias, percepções e modos de se relacionar com a Terra. Em cada território — Amazônia, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa — o gesto de ouvir, de forma atenta, revelou não apenas histórias individuais, mas formas singulares de compreensão do mundo, de trabalho e de pertencimento aos territórios.

Essas entrevistas, realizadas a partir da Tecnologia Social da Memória, abriram espaço para que vidas, ameaçadas ou não, vozes impactadas pelas mudanças climáticas e saberes dos mais variados se entrelaçassem. A metodologia da escuta permitiu que cada voz encontrasse espaço sem hierarquias: conhecimentos ancestrais, descobertas científicas, medos e alegrias se mesclam com lembranças familiares ou inquietações diante de transformações ambientais ou econômicas.

A Terra aparece não como símbolo, mas como presença concreta — água, vento, fogo, ar, terra — que molda a vida e é moldada por ela. São relatos que nos permitem construir um mosaico sensível e diverso do Brasil contemporâneo, levando em conta o humano e o não humano.

Os registros, realizados em 14 estados brasileiros, só foram possíveis graças ao apoio de diversas organizações, que articularam encontros, acessos e deslocamentos. Ressalto aqui a parceria com o Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Democracia e Memória (GPDH), do IEA-USP, determinante no auxílio ao mapeamento de entrevistados e na mediação qualificada entre o Museu da Pessoa e pesquisadores e lideranças locais.

Esperamos que cada leitor possa se aproximar dessas vozes com atenção e curiosidade, reconhecendo nas narrativas reunidas nesta exposição maneiras distintas de perceber e habitar o mundo. E que, ao escutar essas histórias, possamos também escutar a própria Terra, com suas mudanças, suas pausas, seus sinais, e refletir sobre o lugar que ocupamos nessa trama que nos envolve a todos.

**Lucas Lara**

Diretor de Museologia do Museu da Pessoa

# cerrado

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, atrás apenas da Amazônia. Ocupa a região central do país, abrangendo os estados de Goiás, Distrito Federal, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia. Seu clima tem invernos secos e verões chuvosos, e a região abriga nascentes de grandes rios e aquíferos, como o Guarani e o Bambuí.

Atualmente, é o bioma brasileiro mais ameaçado de extinção, pressionado pelo desmatamento, pelas queimadas e pela exploração predatória, especialmente decorrente do agronegócio. O Cerrado já perdeu 28% da sua cobertura nativa e, em 2023, correspondeu a 61% da área desmatada em todo o país.

The Cerrado is Brazil's second-largest biome, surpassed only by the Amazon. It occupies the central region of the country, spanning the states of Goiás, the Federal District, Tocantins, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, and Rondônia. Its climate alternates between dry winters and rainy summers, and it contains the headwaters of major rivers and aquifers such as the Guarani and Bambuí.

Today, the Cerrado is the most endangered Brazilian biome, pressured by deforestation, fires, and predatory exploitation, driven especially by agribusiness. The Cerrado has already lost 28% of its native cover and, in 2023, it accounted for 61% of all deforested areas in the country.

“

A gente descascava os cristais na porta da casa e jogava o resto na rua, conversando com os vizinhos. Garimpar cristal é um trabalho muito árduo, você levanta cedo, pega sol, abre buraco, é uma vida dolorida. A gente varria a calçada pra ficar limpinha, porque a gente corria descalço e o cristal corta. Lembro que - não tinha energia elétrica, né? - à noite, quando ficava de lua cheia, ela batia nos cristais, refletia e o chão todo ficava iluminado, clarinha como se fosse dia. Como um chão de estrelas.

We used to peel the crystals on the doorstep and toss the scraps into the street, while chatting with the neighbors. Mining crystal is grueling work – you wake up early, toil under the sun, dig holes. It’s a hard life. We would sweep the sidewalk to keep it clean, because we’d run around barefoot, and the crystal can cut you. I remember – there was no electricity, right? – at night, when the full moon shone on the crystals, they reflected the light and the whole ground would light up, bright as day. Like a floor made of stars.

**Aristéia Avelino do Nascimento Santos**  
Nascida em 1965, na Vila de São Jorge, Goiás. Aposentou-se como professora, mas também trabalhou como garimpeira de cristais, assim como seu pai. Atualmente, luta pela preservação da Chapada dos Veadeiros e em defesa do turismo sustentável na região.

Born in 1965 in Vila de São Jorge, Goiás. She retired as a schoolteacher, but also worked as a crystal miner, following in her father’s footsteps. Today, she is an advocate for the preservation of the Chapada dos Veadeiros National Park, and for sustainable tourism in the region.

“

Hoje a gente planta muita cana dessas com cruzamentos: a 120, a cana cuba. E a nossa cana ‘roxona’ tá acabando. E não é por falta de plantar: a gente até tenta. Antes, meu pai limpava a roça, aí vinha o solzão e ele pegava a semente e jogava. Ele plantava na seca, porque ele sabia que tal dia ia vir a chuva. Falava: ‘Vem cá, vamos plantar no pó’. E aí, no dia que eles marcavam, a chuva vinha. A semente ficava ali dentro até a chuva chegar. Hoje em dia, você perde a semente e a mão de obra, porque se tentar assim a chuva não vem. Tem mudado tudo.

These days we grow a lot of hybrid sugarcane: the 120, the Cuban cane. Our own good old ‘purple cane’ is disappearing. It’s not for lack of trying – we still try planting it. In the past, my father would clear the field, then, under the scorching sun, scatter the seeds. He planted in the dry season, because he knew the rain would come on a certain day. He’d say: ‘Come on, let’s plant in the dust.’ And on the day they said it would rain, the rain would arrive. The seeds would wait underground until the rain came. Now, you waste both the seeds and the labor, because if you try doing it like that, the rain never comes. Everything is changing.

**Lucas Luiz Gomes**  
Nascido em 1990, no povoado do Moinho, região de Alto Paraíso de Goiás, Goiás. Atuou por muitos anos como turismólogo e guia turístico, até decidir voltar à sua comunidade e retomar a tradição familiar de produção e venda de rapadura.

Born in 1990 in the village of Moinho, in the Alto Paraíso de Goiás region. He worked for many years as a tourism specialist and guide before deciding to return to his community and revive his family’s tradition of producing and selling rapadura [sugar cane blocks].

# mata atlântica

Considerada uma das florestas mais biodiversas do planeta, a Mata Atlântica possui fauna semelhante à da Amazônia e flora com muitas espécies exclusivas da região. Ocupa cerca de 13% do território brasileiro, estendendo-se do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, sobretudo na faixa litorânea. Seu clima predominante é tropical úmido e sua área abriga importantes bacias hidrográficas que abastecem milhões de pessoas.

A Mata Atlântica sofre, historicamente, com a perda e a fragmentação de habitat, além da contaminação de mananciais, rios e águas costeiras, resultados de séculos de desmatamento e urbanização. Ela já perdeu mais de 80% de sua cobertura original, restando apenas de 12% a 16% de florestas bem-preservedas, mas em sua maioria fragmentadas.

The Atlantic Forest is considered one of the most biodiverse forests on the planet, with fauna similar to the Amazon's, and flora rich in species found nowhere else. It covers about 13% of the Brazilian territory, stretching from Rio Grande do Norte to Rio Grande do Sul, mainly along the coast. Its predominant climate is humid tropical, and it contains important watersheds that supply millions of people.

The Atlantic Forest has long suffered from habitat loss and fragmentation, as well as contamination of springs, rivers, and coastal waters, as the result of centuries of deforestation and urbanization. It has already lost more than 80% of its original cover, leaving only 12-16% of well-preserved forest, mostly in fragmented patches.

“

2024 foi o ano mais quente de todos, e a gente teve um branqueamento que causou a morte de mais da metade dos corais. Lembro dos pescadores dizendo: ‘Eu moro aqui há 70 anos e nunca tinha visto nada assim’. Não imaginei que ia ver o colapso bem na minha geração, com tudo morrendo ao meu redor. E eu vi...

2024 was the hottest year ever recorded, and we witnessed coral bleaching that killed more than half of the reefs. I remember fishermen saying: ‘I’ve been living here for 70 years, and I’ve never seen anything like this.’ I never imagined I would see the collapse within my own generation, everything dying around me. But I did...

**Pedro Henrique Cipresso Pereira**  
Nascido em Uberlândia, Minas Gerais, em 1984. É biólogo marinho e coordena, pelo ICMBio, a conservação de 120 km de corais entre Pernambuco e Alagoas.

Born in Uberlândia, Minas Gerais, in 1984, is a marine biologist and, with ICMBio, coordinates the conservation of 120 km of reefs between Pernambuco and Alagoas.

“

O primeiro pé de café da Fazenda Santo Antônio da Água Limpa foi plantado em 1844, pelo avô do meu bisavô. Mas nós tínhamos muitas pragas na lavoura. Chegamos a passar tanto, tanto agrotóxico, que as folhas de café ficavam quase plastificadas. Aí o professor Jorge Abrahão me explicou que, na natureza, as pragas são controladas por outras vidas. Então eu comecei a plantar café jogando, assim, no chão, que nem passarinho. Começaram a me chamar de “João Louco”. Mas é que as plantas sabem o que tem que ser feito. Não eu. As plantas pensam.

The first coffee plant at the Santo Antônio da Água Limpa Farm was planted in 1844, by my great-great-grandfather. But our crops were plagued by pests. We would use so much pesticide that the leaves of the coffee plants looked almost like they were plasticized. Then Professor Jorge Abrahão explained to me that, in nature, pests are controlled by other life forms. So I started sowing coffee by just scattering the seeds on the ground, like a bird. People began calling me ‘Mad João.’ But the truth is, the plants know what needs to be done. Not me. The plants think.

**João Pereira Lima Neto**  
Nascido em 1948 em Mococa, São Paulo, é engenheiro civil, produtor de café orgânico e proprietário da Fazenda Santo Antônio da Água Limpa. Conhecido como “João Louco”, abandonou a agricultura convencional e o uso de agrotóxicos na década de 1990 e transformou sua fazenda em uma agrofloresta pioneira.

Born in 1948 in Mococa, São Paulo, is a civil engineer, organic coffee grower, and owner of the Santo Antônio da Água Limpa Farm. Known as “Mad João,” he abandoned conventional farming and pesticides in the 1990s, transforming his farm into a pioneering agroforestry.



# pampa

O Pampa ocupa cerca de 2% do território brasileiro, em uma área restrita ao Rio Grande do Sul. Sua paisagem é formada por campos nativos. O clima é subtropical, com as quatro estações bem definidas, e sua hidrografia integra a bacia do Rio da Prata e a Costeira do Sul. A flora conta com cerca de 3 mil espécies. O avanço da atividade agropecuária é a principal causa da devastação do Pampa, com a substituição da paisagem original por campos de pasto e monocultura. As mudanças climáticas, somadas a outros fatores decorrentes da ação humana, contribuíram para as enchentes que ocorreram recentemente nesta região. Estima-se que entre 1985 e 2021 o Pampa tenha perdido um quinto da sua vegetação campestre original, e que a vegetação nativa cubra agora menos da metade de sua área original (48,4%).

The Pampa covers about 2% of Brazil’s territory, restricted to the state of Rio Grande do Sul. Its landscape is formed by native grasslands. The climate is subtropical, with four well-defined seasons, and its hydrography is part of the Rio de la Plata and Southern Coastal basins. The flora includes around 3000 species. The advance of livestock and agriculture is the main cause of the Pampa’s devastation, replacing the native landscape with pasture and monocultures. Climate change, combined with other human impacts, has contributed to the floods that recently struck the region. It is estimated that, between 1985 and 2021, the Pampa lost one-fifth of its original grasslands, and that native vegetation now covers less than half its original area (48.4%).

“

A água entrou e tu não tinha uma luz, tu tinha um silêncio... E, dentro desse silêncio, a gente só tinha a melancolia dos apitos. Apitos de resgate. Casa com água até o teto, um cachorro em cima do teto. E um apito... A enchente veio com uma violência que mudou a geografia dos rios. Se tinha curvas, virou um lance reto. Se tinha casas na frente, a água levou. Mas não era a casa do fulano. Eram as nossas casas.

The water rose and there was no light, only silence... And in that silence, all we had was the melancholy of the whistles. Rescue whistles. Houses under water up to the roof, a dog stranded on top of a roof. And a whistle... The flood came with a violence that reshaped the rivers. Where there had been bends, they straightened out. If there were houses on the way, the water took them. But they weren’t just some guy’s houses. They were our houses.

**Marco Antônio Xavier**  
Conhecido como Kako, nasceu em Lavras do Sul, Rio Grande do Sul, em 1968. Pesquisador e artista, criou a Casa de Tambor, espaço de acolhimento e resistência da cultura negra. Morador do bairro do Laranjal, foi atingido pelas enchentes em Pelotas, em maio de 2024.

Known as Kako, was born in Lavras do Sul, Rio Grande do Sul, in 1968. A researcher and artist, he created Casa de Tambor, a space dedicated to support Afro-Brazilian culture. Living in the Laranjal district, he was directly affected by the May 2024 floods in Pelotas.

“

A gente perdeu tudo com o granizo. Nós plantamos 3 mil pés de tomate. Quando eu cheguei, não tinha mais nada. O granizo destruiu tudo. Aí decidi plantar frutas nativas, como a guavirova, o araçá. Os passarinhos vieram pra comer essas frutas e começaram a plantar estas e outras sementes, trazidas de outros lugares. Hoje a gente tem mais de 10 culturas diferentes. E foram os passarinhos que começaram tudo.

We lost everything to hail. We had planted 3000 tomato plants. When I arrived, there was nothing left. The hail had destroyed it all. So I decided to plant native fruits, like guavirova, araçá. Then the birds came to eat the fruits and began planting these and other seeds that they brought from somewhere else. Today we have more than ten different crops. And it was the birds that started it all.

**Enio Nilo Schiavon**  
Nascido em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1963. Referência na concepção de sistemas agroflorestais, é fundador da feira ecológica de Pelotas e da Associação ARPA-SUL.

Born in Pelotas, Rio Grande do Sul, in 1963, is a leading authority in agroforestry systems. He founded the Pelotas ecological market and the ARPA-SUL Association.

# pantanal

Localizado entre o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul, o Pantanal é uma das maiores planícies alagadas do mundo e ocupa cerca de 2% do território nacional. Apesar de pequeno em extensão, abriga grande biodiversidade, influenciada pela Amazônia, pelo Cerrado e pela Mata Atlântica. Seu clima é tropical, com cheias e secas que moldam a paisagem.

O Pantanal perdeu 29% de sua superfície de água entre a cheia de 1988 e a última, em 2018. Essa mudança favorece os incêndios. O total queimado de 2019 a 2023 foi de 5,8 milhões de hectares e corresponde principalmente às áreas afetadas pela seca.

Stretching across Mato Grosso and Mato Grosso do Sul, the Pantanal is one of the world's largest wetlands, covering about 2% of Brazil's territory. Though small in area, it harbors extraordinary biodiversity, shaped by influences from the Amazon, Cerrado, and Atlantic Forest. Its tropical climate alternates between floods and droughts that shape the landscape.

The Pantanal lost 29% of its water surface between the 1988 flood and the most recent one, in 2018. This change has intensified wildfires. From 2019 to 2023, 5.8 million hectares burned, mostly in areas severely affected by drought.

“

Tem muitos pássaros que avisam quando algo não está bem. A águia, o urubu, a ema, as cobras. Elas trazem notícias. Esse louro, quando ele voa à noite, faz aquela gritaria fora de hora, está dizendo que vai morrer uma pessoa adulta. Quando esses periquitinhos voam, também de noite, estão dizendo que vai morrer uma criança. Esses são os sinais. Não tem no papel, mas tá na memória.

Many birds signal when something is wrong. Eagles, vultures, rheas, snakes – they bring messages. There's this parrot, that when it flies at night, screaming out of time, it means an adult is going to die. Then there's these little parakeets that also fly at night to foretell that a child is going to die. These are the signs. They're not written down on paper, but they're in our memory.

**João Leôncio (Kambu)**  
Nascido em Miranda, Mato Grosso do Sul, em 1961. É liderança do Povo Terena na Aldeia Mãe Terra, T.I. Cachoeirinha, agricultor e brigadista voluntário.

Born in 1961 in Miranda, Mato Grosso do Sul, is a Terena leader of the Mãe Terra community, in the Cachoeirinha Indigenous Land. He is a farmer and volunteer firefighter.

“

Às vezes, eu penso nas araras-azuis como uma parte do meu corpo. Quando eu peguei o primeiro fogo, incêndio mesmo, em 2019, foram 17 dias de incêndios imensos. A gente na névoa, na fumaça, tentando fazer alguma coisa que ajudasse as araras. Nada apagava. Avião, carro, água, enfim, nada. A não ser a chuva. Ela que apagou.

Sometimes, I think of the blue macaws as part of my own body. The first fire I faced, a real wildfire, in 2019, lasted 17 days – huge fires. We were in the haze and the smoke, trying to do something to help the macaws. Nothing worked. Not planes, not trucks, not water. Nothing but the rain. It was the rain that put the fire out.

**Neiva Guedes**  
Nascida em Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, em 1962. Bióloga, criou o Instituto Arara Azul, no pantanal mato-grossense, em 2003.

Born in 1962 in Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, is a biologist and founder of the Blue Macaw Institute in the Pantanal, created in 2003.

# amazônia

A Amazônia é o maior bioma do Brasil, cobrindo cerca de 40% do território nacional, em uma área que abarca os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão. Reconhecida como a maior floresta tropical do mundo, reúne diversos ecossistemas que garantem imensa biodiversidade. A região é irrigada pela Bacia Amazônica, a maior bacia hidrográfica do planeta, essencial para o equilíbrio climático global.

A Amazônia perdeu quase 50 milhões de hectares de florestas nos últimos 40 anos. O Censo 2022 registrou 1,7 milhão de indígenas no Brasil. Mais da metade dessas pessoas – cerca de 870 mil – vive na área da Amazônia Legal.

The Amazon is Brazil's largest biome, covering about 40% of the national territory, across the states of Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso, and Maranhão. Known as the world's largest tropical forest, it encompasses various ecosystems that sustain immense biodiversity. It is watered by the Amazon Basin, the largest river basin on the planet, and essential to global climate balance.

In the last 40 years, the Amazon has lost nearly 50 million hectares of forest. According to the 2022 census, 1.7 million Indigenous people live in Brazil, more than half of whom – around 870,000 – reside in the Amazon region.

“

Dentro da sabedoria ancestral, na hora do parto tem todo um cuidado com o umbigo, com o cordão umbilical. Tem um ditado: ‘Nascido e criado de umbigo enterrado’, porque quem nasce em casa, o umbigo é enterrado na comunidade. E é sempre perto de árvores grandes, porque é onde dá frutos. Assim a gente cria esse vínculo de proximidade com o espaço.

Within ancestral wisdom, childbirth comes with special care for the belly button, for the umbilical cord. There is a saying: ‘Born and raised with the buried umbilical cord,’ because when a baby is born at home, the cord is buried in the community – always near a large tree, because that is where fruit grows. That is how we create this close bond with the land.

**Vanuza Cardoso**  
Nascida em 1977, em Ananindeua, Pará. Antropóloga e liderança espiritual do Território Quilombola do Abacatal, ainda luta pelo reconhecimento e pela proteção de seu território, cuja titulação foi conquistada em 1999.

Born in 1977 in Ananindeua, Pará, is an anthropologist and spiritual leader of the Abacatal Quilombola Territory. She continues to fight for recognition and protection of her territory, whose legal title was secured in 1999.

“

Eu fiz a dieta da sucuri, tomei a saliva dela. Aí tem uma série de regras, uma delas é a alimentação. Tudo que a sucuri come, eu podia comer: cotia, paca, perereca, rãs e lagartos. O ensinamento vem através dos sonhos, onde o espírito se materializa em pessoas. Eu sonhei que estava na beira da aldeia e minha vó vinha descendo o rio, fazendo um canto poderoso com a voz bem fina. Ela veio cantando, vindo na minha direção. Foi assim que encontrei o espírito da sucuri.

I followed the anaconda’s diet; I drank its saliva. There are many rules, one of which is food: everything the anaconda eats, I could eat: agouti, paca, frog, toad, lizard. The teachings come in dreams, where the spirit takes human form. I dreamt I was standing by the border of the village, and I saw my grandma coming down the river, singing a powerful song in her high, fine voice. She came toward me, singing. That’s how I encountered the spirit of the anaconda.”

**Vinnya Yawanawa**  
Nascido em 1973 no Território Indígena do rio Gregório, Acre. Indígena de família miscigenada (nôke-koi e yawanawás), é pioneiro no trabalho artístico e audiovisual de seu povo e também reconhecido como mestre dos cantos e medicinas.

Born in 1973 in the Indigenous Territory of the Gregório River, Acre. An Indigenous person from a mixed family (Nôke-Koi and Yawanawá), he is a pioneer in the artistic and audiovisual work of his people and is also recognized as a master of songs and medicines.



“2024 foi o ano mais quente da história, e a grande festa do meio ambiente que comemora o Dia da Terra é o momento ideal para refletirmos sobre o futuro do planeta. A natureza não espera por nós, e precisamos agir agora para garantir que o futuro seja um lugar onde possamos viver em harmonia com a natureza.”

Paulo Henrique Campos, Presidente do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), em 2024.

“O primeiro café da América do Sul foi produzido em 1500, no Rio de Janeiro. Desde então, o café tornou-se uma das principais culturas do Brasil, moldando a paisagem e a economia do país. Hoje, o café é uma das principais exportações do Brasil, e sua produção é uma das principais fontes de emprego no setor agrícola.”

Julio Pereira Lima Neto, pesquisador em 1948, sobre a importância do café para a economia do Brasil.

“The first coffee plant in the Americas was grown in 1500, in Rio de Janeiro. Since then, coffee has become one of the main crops of Brazil, shaping the landscape and the economy of the country. Today, coffee is one of the main exports of Brazil, and its production is one of the main sources of employment in the agricultural sector.”

Julio Pereira Lima Neto, researcher in 1948, about the importance of coffee for the Brazilian economy.

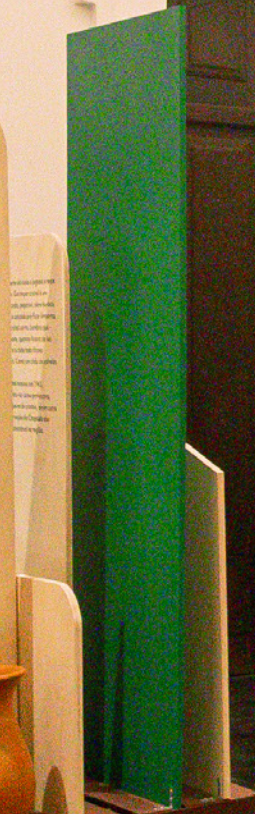
Considerada uma das florestas mais biodiversas do planeta, a Mata Atlântica possui fauna semelhante à da Amazônia e flora com muitas espécies exclusivas da região. Ocupa cerca de 13% do território brasileiro, estendendo-se do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, sobretudo na faixa litorânea. Seu clima hidrográfico que abastecem milhões de pessoas.

A Mata Atlântica sofre, historicamente, com a perda e a fragmentação de habitat, além da contaminação de mananciais, rios e águas costeiras, resultados de séculos de desmatamento e urbanização. Ela já perdeu mais de 80% de sua cobertura original, restando apenas de 12% a 16% de florestas bem-preservedas, mas em sua maioria fragmentadas.

The Atlantic Forest is considered one of the most biodiverse forests on the planet, with fauna similar to the Amazon's, and flora rich in species found nowhere else. It covers about 13% of the Brazilian territory, stretching from Rio Grande do Norte to Rio Grande do Sul, mainly along the coast. Its predominant climate is humid tropical, and it contains important watersheds that supply millions of people.

The Atlantic Forest has long suffered from habitat loss and fragmentation, as well as contamination of springs, rivers, and coastal waters, as the result of centuries of deforestation and urbanization. It has already lost more than 80% of its original cover, leaving only 12-16% of well-preserved forest, mostly in fragmented patches.

**mata atlântica**



“A Mata Atlântica é uma das florestas mais biodiversas do planeta, com uma fauna e flora únicas. Ela é considerada um dos maiores patrimônios naturais do Brasil e do mundo. No entanto, devido à pressão humana, a floresta tem sofrido com a perda de habitat e a fragmentação. Isso tem levado à extinção de muitas espécies e à degradação do ecossistema. É urgente que tomemos medidas para proteger e restaurar a Mata Atlântica, garantindo a sobrevivência das espécies e a saúde do planeta.”

Paulo Henrique Campos, Presidente do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), em 2024.

“The Atlantic Forest is one of the most biodiverse forests on the planet, with unique fauna and flora. It is considered one of the greatest natural treasures of Brazil and the world. However, due to human pressure, the forest has suffered from habitat loss and fragmentation. This has led to the extinction of many species and the degradation of the ecosystem. It is urgent that we take measures to protect and restore the Atlantic Forest, ensuring the survival of species and the health of the planet.”

Paulo Henrique Campos, President of the National Council of the Environment (CONAMA), in 2024.

“The Atlantic Forest is a unique and irreplaceable natural heritage. It is a treasure that we must protect and preserve for future generations. We must take action now to ensure the survival of the forest and the species that depend on it. Only by working together can we ensure a sustainable future for all.”

Julio Pereira Lima Neto, researcher in 1948, about the importance of the Atlantic Forest.

**pantanal**

**A Terra tem respostas para todos nós.**

The Earth holds answers for us all.

**Faça parte do Museu da Pessoa. Conte Sua História!**

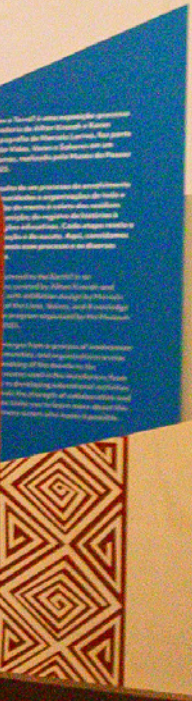
Be part of the Museum of the Person. Tell your story!

“Quando eu cheguei ao Museu da Pessoa, percebi que era um lugar muito especial. Era um lugar onde as histórias das pessoas eram valorizadas e onde as pessoas podiam compartilhar suas experiências e conhecimentos. Isso me fez sentir muito bem e me motivou a participar ativamente do projeto. Hoje, o Museu da Pessoa é um dos meus lugares favoritos e eu continuo a aprender muito com as histórias das pessoas que lá estão.”

Julio Pereira Lima Neto, pesquisador em 1948, sobre a importância do Museu da Pessoa.

“When I came to the Museum of the Person, I realized it was a very special place. It was a place where people's stories were valued and where people could share their experiences and knowledge. This made me feel very good and motivated me to actively participate in the project. Today, the Museum of the Person is one of my favorite places and I continue to learn a lot from the stories of the people who are there.”

Julio Pereira Lima Neto, researcher in 1948, about the importance of the Museum of the Person.





# Museu da Pessoa

O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo, fundado em São Paulo em 1991, que registra, preserva e compartilha histórias de vida de pessoas de todas as origens e lugares. A partir desse acervo e de sua metodologia, o Museu da Pessoa realiza diversas ações culturais e educativas que revelam o poder das histórias para inspirar, provocar e transformar o presente e o futuro.

The Museum of the Person is a virtual and collaborative museum, founded in São Paulo in 1991, dedicated to recording, preserving, and sharing life stories from people of all backgrounds and places. Building on this archive and its methodology, the Museum develops a wide range of cultural and educational initiatives that reveal the power of stories to inspire, challenge, and transform both present and future.

Faça parte do Museu da Pessoa. Conte Sua História!  
Be part of the Museum of the Person. Tell your story!



**+ de 20**  
mil histórias de vida  
life stories

**+ de 60**  
mil fotos e documentos  
photos and documents

**+ de 200**  
exposições e produtos culturais  
exhibitions and cultural projects

**+ de 66**  
mil pessoas impactadas por sua metodologia,  
a Tecnologia Social da Memória  
people reached through its methodology,  
the Social Technology of Memory

**+ de 60**  
Núcleos Museu da Pessoa espalhados pelo Brasil  
local Museum of the Person centers across Brazil

<  
Oficina Manto de Histórias  
no Centro de Artes da Maré,  
Rio de Janeiro (RJ),  
em junho de 2025  
Workshop "Mantle of Stories"  
at Centro de Artes da Maré,  
Rio de Janeiro (RJ),  
June 2025  
Dunas Filmes

**Os Museus do futuro  
serão as nossas vidas.**

The Museums of the future will be our lives.

**Somos parte,  
e não o centro.**

We are part of the whole, not its center.

**A Terra tem respostas  
para todos nós.**

The Earth holds answers for us all.

**O jeito de estar na Terra  
é comum, é coletivo.**

Our way of being on Earth is shared, collective.

**Ouvir é tão importante  
quanto falar.**

Listening is just as important as speaking.





# INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Conheça aqui cada uma das organizações sociais, culturais e de memória que contribuíram para a realização desta exposição.  
PARTNER INSTITUTIONS - Here you can learn about each of the social, cultural, and memory preservation organizations that contributed to the realization of this exhibition.

**Museu do Estado do Pará (PA) Museum of the State of Pará (PA)**  
Instituição que está recebendo a exposição, o Museu do Estado do Pará (MEP), instalado no Palácio Lauro Sodré desde 1994, reúne acervo de pinturas, mobiliário, fotografias e documentos que narram a história do Pará. O MEP integra o Sistema Integrado de Museus e Memoriais desde 1998.  
The institution hosting the exhibition, the Museum of the State of Pará (MEP), has been housed in the Lauro Sodré Palace since 1994. Its collection includes paintings, furniture, photographs, and documents that narrate the history of Pará. Since 1998, the MEP has been part of the Integrated System of Museums and Memorials.

**Museu das Culturas Indígenas (SP) Museum of Indigenous Cultures (SP)**  
Parceiro na tessitura do manto, o Museu das Culturas Indígenas (MCI), inaugurado em 2022, é fruto da gestão compartilhada entre o Governo e o Conselho Indígena Aty Mirim. Espaço de diálogo intercultural, articula, pesquisa e comunica as histórias, memórias, artes e saberes dos povos indígenas de São Paulo e do Brasil. A partner in weaving the mantle, the Museum of Indigenous Cultures (MCI) was inaugurated in 2022, as the result of shared governance between the State Government and the Aty Mirim Indigenous Council. A space of intercultural dialogue, it fosters research and disseminates the histories, memories, arts, and knowledge of Indigenous peoples of São Paulo and Brazil.

**Redes da Maré (RJ)**  
Parceira na tessitura do manto e no registro de histórias, a Redes da Maré, criada em 1997, é uma instituição da sociedade civil que produz conhecimento e desenvolve projetos para garantir políticas públicas efetivas, promovendo direitos e melhorias na vida dos 140 mil moradores das 15 favelas do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. A partner in both mantle weaving and story collection, Redes da Maré, founded in 1997, is a civil society organization that produces knowledge and develops projects to secure effective public policies. It supports the rights and well-being of 140,000 residents in the Maré Complex's 15 favelas in Rio de Janeiro.

**Museu da Cultura Hip Hop RS (RS) Hip Hop Culture Museum RS (RS)**  
Parceiro na tessitura do manto e no registro de histórias, o Museu do Hip Hop RS, inaugurado em 2023, em Porto Alegre, é o primeiro da América Latina dedicado à cultura Hip Hop. Com exposições, eventos, oficinas e formação de jovens, preserva memórias do movimento e promove inclusão, criatividade e desenvolvimento cultural e social. A partner in mantle weaving and story collection, the Hip Hop Culture Museum RS, inaugurated in 2023 in Porto Alegre, is the first museum in Latin America dedicated to Hip Hop culture. Through exhibitions, events, workshops, and youth training programs, it preserves the memory of the movement while promoting inclusion, creativity, and cultural and social development.

**Casa Iacitatá – Amazônia Viva (PA)**  
Parceiro na realização de ações de ativação da exposição, o Ponto de Cultura Alimentar Iacitatá, criado em 2009, atua na salvaguarda da cultura alimentar amazônica, unindo povos originários, comunidades tradicionais e coletivos em ações de educação, pesquisa, economia solidária e valorização dos saberes ancestrais e da sociobiodiversidade. A partner in actions to promote the exhibition, the Iacitatá Food Culture Hub, founded in 2009, safeguards Amazonian food heritage. It brings together Indigenous peoples, traditional communities, and collectives through education, research, solidarity economy initiatives, and the valorization of ancestral knowledge and socio-biodiversity.

**OCAS ONG (PA)**  
Parceira na articulação de comunidades locais e na realização de ações de ativação da exposição, a OCAS é uma plataforma de impacto socioambiental que fortalece bases comunitárias em mais de cinco regiões da Amazônia Paraense. Atua com soluções sustentáveis, promovendo geração de renda, preservação ambiental, arte, cultura e melhoria da qualidade de vida das comunidades locais. A partner in engaging local communities and in actions to promote exhibition activation, OCAS is a socio-environmental impact platform that strengthens community networks across more than five regions of the Pará Amazon. It works with sustainable solutions to promote income generation, environmental preservation, art, culture, and improved quality of life for local communities.

**GEMPAC (PA)**  
Parceiro na tessitura do manto, o GEMPAC, fundado em 1990, atua na região metropolitana de Belém do Pará promovendo ativismo jurídico e consultoria para mulheres trabalhadoras sexuais cis e transgênero. Realiza oficinas, forma agentes em gênero e direitos e articula redes de proteção, combate ao estigma e defesa de direitos. A mantle weaving partner, GEMPAC, founded in 1990, operates in the metropolitan region of Belém, Pará. It promotes legal activism and provides support for cisgender and transgender women sex workers. Through workshops, gender and rights training, and protection networks, it combats stigma and defends rights.

**Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro (PA) Folkloric and Cultural Association Colibri de Outeiro (PA)**  
Parceiro na preparação dos resíduos e na tessitura do manto, o Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro, fundado em 1971 por Teonila Ataíde, preserva a cultura popular folclórica paraense. Como Ponto de Cultura Ninho do Colibri, promove oficinas e difusão das manifestações culturais locais, tornando a Ilha de Caratateua referência na tradição dos cordões de pássaros. A partner in preparing materials and weaving the mantle, the Cordão de Pássaro Colibri de Outeiro association was founded in 1971 by Teonila Ataíde, to preserve popular folk culture in Pará. Its Colibri Nest Culture Hub promotes workshops and disseminates local cultural traditions, making Caratateua Island a reference point for the bird cord, a folklore tradition of Pará.

**Gueto Hub (PA)**  
Parceiro na articulação de comunidades locais e na tessitura do manto, o Gueto Hub é um espaço multicultural de leitura, música, trabalho, estudo, arte e lazer. Dentro do Gueto há uma galeria de arte, uma biblioteca comunitária, espaço para coworking, museu e café. A partner in local community engagement and mantle-weaving, Gueto Hub is a multicultural space for reading, music, work, study, art, and leisure. It houses an art gallery, a community library, coworking space, museum, and café.

**Nugen (PA)**

Parceiro na tessitura do manto, o Núcleo de Prevenção e Enfrentamento à Violência de Gênero (Nugen) acolhe mulheres em situação de violência, atuando nos eixos jurídico, social e psicossocial. Com equipe multidisciplinar, desenvolve grupos reflexivos para mulheres e para pessoas acusadas, promovendo apoio e orientação.

A mantle weaving partner, the Gender Violence Prevention and Response Center (NUGEN) provides support to women facing violence, offering legal, social, and psychosocial services. Its multidisciplinary team runs reflection groups for women and for perpetrators, fostering support, guidance, and transformation.

**Brigada Ribeirinha (PA) River Brigade (PA)**

Parceiro na coleta de resíduos utilizados na elaboração do manto, o Projeto Brigada Ribeirinha atua nas ilhas e áreas ribeirinhas de Belém removendo resíduos e destinando-os à reciclagem. Organizado pela Canoa Paidégua, em parceria com a Ozone Conexão Natureza, Escoteiros do Pará e Bein - Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade, o projeto contribui para a conservação ambiental e para a sensibilização sobre a importância de preservar as águas e os ecossistemas amazônicos.

A partner in gathering materials for the mantle, the River Brigade Project operates on the islands and riverside areas of Belém, removing waste and sending it for recycling. Organized by Canoa Paidégua, in partnership with Ozone Conexão Natureza, Escoteiros do Pará, and Bein - Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade, the project contributes to environmental conservation and raises awareness about the importance of preserving Amazonian waters and ecosystems.

**Guardiões da Memória (Brasil) Memory Guardians (Brazil)**

Parceiros no registro de histórias indígenas, os Guardiões da Memória são jovens indígenas formados em registro e preservação cultural pelo Museu da Pessoa, por meio de seu programa Patrimônios Imateriais – Vidas Indígenas. Inspirados nos guardiões da floresta, atuam no fortalecimento das histórias, dos cantos e saberes de seus povos, conectando gerações e mobilizando comunidades para valorizar a memória viva. Entre os diversos povos indígenas já registrados pelo grupo estão os Guajajara, Ka’apor, Awa Guajá, Nawa, Tariano, Tukano e Enawenê Nawê, entre outros. Cerca de 140 pessoas já foram formadas.

Partners in recording Indigenous stories, the Memory Guardians are Indigenous youth trained in cultural documentation and preservation by the Museum of the Person, through its Intangible Heritage – Indigenous Lives program. Inspired by the guardians of the forest, they strengthen the histories, songs, and knowledge of their peoples, connecting generations and mobilizing communities to honor living memory. They have documented numerous Indigenous groups, including the Guajajara, Ka’apor, Awa Guajá, Nawa, Tariano, Tukano, and Enawenê Nawê, among others.

**IBEAC (SP)**

Parceiro no registro de histórias e na realização de ações de ativação da exposição, o Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário (IBEAC), fundado em 1981, promove cidadania participativa e solidária em territórios como Parelheiros. Atua em cinco linhas – Ambiental, Cuidados, Educomunicação, Empreendedorismo Social e Literatura –, fortalecendo direitos e desenvolvimento sustentável.

A partner in story collection and in actions to promote exhibition activation, the Brazilian Institute for Community Studies and Support (IBEAC), founded in 1981, promotes participatory citizenship in communities such as Parelheiros. It works across five areas – Environment, Care, Education/Communication, Social Entrepreneurship, and Literature – strengthening rights and sustainable development.

**GPDH - IEA/USP (SP)**

Parceiro no registro de histórias, o Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Democracia, Política e Memória, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, reúne pesquisadores de diversas áreas para debater e produzir conhecimento interdisciplinar sobre direitos humanos, democracia e memória, articulando redes nacionais e internacionais e promovendo cultura política crítica.

A story-collection partner, the Research Group on Human Rights, Democracy, Politics, and Memory at IEA-USP brings together scholars from diverse fields to debate and produce interdisciplinary knowledge on human rights, democracy, and memory. It fosters national and international networks while promoting critical political culture.

**Museu Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) National Museum of Indigenous Peoples (FUNAI)**

Parceiro na articulação institucional que viabilizou a exposição em Belém, o Museu Nacional dos Povos Indígenas, da Funai, preserva e divulga o patrimônio cultural indígena no Brasil. Seu acervo reúne mais de 20 mil objetos, documentos e publicações, promovendo pesquisa, exposições e formação, em parceria com povos indígenas e instituições.

As an institutional partner that made the exhibition in Belém possible, the National Museum of Indigenous Peoples, under FUNAI (National Foundation of Indigenous Peoples), preserves and promotes Brazil’s Indigenous cultural heritage. Its collection includes more than 20,000 objects, documents, and publications, fostering research, exhibitions, and educational initiatives in collaboration with Indigenous peoples and partner institutions.



FICHA TÉCNICA CREDITS

EXPOSIÇÃO VOCÊ JÁ ESCUTOU A TERRA?

Curadoria Curatorship Ailton Krenak e Karen Worcman
Direção de conteúdo Content direction Lucas Lara
Parcerias e relações institucionais e governamentais Partnerships and institutional & government relations Rosana Miziara e Anna Miranda [assistente]
Produção executiva Executive production Beatriz Saghaard, Lucas Lara e Paola Valentina Xavier
Produção local Local production Melissa Barra e Raphaela Macedo Paiva de Vasconcelos
Projeto de expografia Exhibition design Marcelo Larrea, Samara Pavlova e Aldo Silva Paz [assistente]
Design gráfico Graphic design Mariana Afonso
Criação têxtil Textile creation Bia Carneiro [coordenadora dos grupos de crocheteiras e costureiras]
Produção de cenografia Exhibition design production Marcelo Larrea
Construção e montagem Exhibition construction Aldo Silva Paz e José Paulo Araújo
Vídeos Videos Marcos Faria
Edição de histórias Story editing Rita Carelli
Textos Texts Ailton Krenak e Karen Worcman
Pesquisa de acervo e textos contextuais Collection research and contextual texts Bruna Ghirardello, Lucas Torigoe, Luiza Gallo e Teresa de Carvalho
Revisão de textos Text editing Carolina Machado
Tradução (inglês) Translation (English) Priscila Adachi
Exposição virtual Virtual exhibition Odilon Gonçalves, Leandro Almeida e Thiago Magalhães

Proposta Educativa Educational proposal Sônia London e Lucas Lara
Mediação e monitoria Mediation and monitoring Laura Lousy [coordenação], Katja Hoelldampf, Thaissa Oliveira, Tainá Silva e Ronize Ferreira
Registros audiovisuais e fotográficos Audiovisual and photographic documentation Alisson da Paz, Ana Clara Muner, Ian Nóbrega, Little Stories Filmes e Luis Ludmer
Entrevistadores Interviewers Ana Clara Siqueira , Bruna Ghirardello, Gabriel Razo, Jonas Samaúma, Kire I Ligia Scalise, Lucas Torigo, Luiza Gallo, Paulo Endo, Rangel Sales, Renata Pante, Rosana Miziara e Sofia Tapajós
Histórias de vida Life stories Aldaiso Luiz Vinnya (Vinnya Yawanawá) I Alexandre Gomes Teixeira Vieira I Alvir Longhi I André Luiz Siqueira I Ângelo Pacelli Cipriano Rabelo I Anselmo Ronaldo Oliveira de Souza I Aristéia Avelino do Nascimento I Arnóbio Marques de Almeida Júnior (Binho Marques) I Benedito Valeriano de Arruda I Carlos Augusto da Silva I Célia Maria Ferreira dos Santos I Cícero José Constantino da Silva I Eduardo Góes Neves I Elaine da Silva Padoan I Enio Nilo Ludwvig Schiavon I Flávio Vicente Machado I Gisele Cavati Leal I Gislaine Maria Silveira Disconzi I Ivete Caetano de Oliveira I João Leôncio (Kambu) I João Pereira Lima Neto I Josefa Maria da Silva Santos I Karoline Freire Dias I Kleke Nyhó/ Frederico Ribeiro da Silva I Norivaldo Mendes/ Simão (Kunumi Wera Dyjuí) I Laureane da Costa Ataíde I Lília Cristiane Barbosa de Melo I Lucas Luiz Gomes I Luciani dos Santos Fonseca I Márcia Morais Molina I Marco Antônio Moreira Xavier I Maria da Penha Maia Fernandes I Maria Dalva de Sousa (Waiu) I Maria Guiomar Oliveira de Souza I Mauricio Ruiz Castello Branco I Mercedes Maria da Cunha Bustamante I Miguela Almeida (Kunha Wera Jeguai) I Mônica Santos I Neiva Maria Robaldo Guedes I Paula Francinete Rubens de Menezes I Paulo Eduardo Artaxo Netto I Pedro Henrique Cipresso Pereira I Quitéria Ana de Melo Teixeira I Rodney Costa I Rosemery Barros Pinheiro I Sebastião Alves dos Santos I Sebastião Carlos dos Santos I Simão Salgado da Silva I Thaynara Conceição Fernandes I Tito Vilhalva (Tupãro Tavy Terã) I Vanuza da Conceição Cardoso I Vergínia Justiniano Paz I Vitória Silveira I Waldemar Oliveira de Souza I Weimar Oliveira de Souza
Instituições parceiras Partner Institutions Associação Folclórica e Cultural Colibri de Outeiro, Brigada Ribeirinha, Casa Iacitatá - Amazônia Viva, GEMPAC, Guardiões da Memória, Gueto Hub, GPDH - IEA/USP, IBEAC, Museu da Cultura Hip Hop RS, Museu das Culturas Indígenas, Museu do Estado do Pará, Museu Nacional dos Povos Indígenas, Nugen, OCAS ONG e Redes da Maré

PAISAGEM SONORA SOUNDSCAPE
Criação Creation Benjamin Taubkin
Produtor musical e engenheiro de som Music producer and sound engineer Kabé
Sonorização Sound Design Raul Teixeira
Técnico de som local Local sound technician Júlio Negão Silva
Pesquisa de acervo Archive research Nicolau da Conceição
CONFECÇÃO DO MANTO DE RESÍDUOS DE MEMÓRIAS CREATION OF THE MEMORY-WASTE MANTLE
Crocheteiras Crocheters – NUGEN e GEMPAC Acilene Coelho Garcia, Alessandra Albuquerque Monteiro, Ana Beatriz Melo, Ane Cristina Vieira de Souza, Catarina Sueli Silva Freitas, Elaine Cristina Rodrigues Alves, Enzo Paolo Garcia Lima, Fátima Pedrina Barbosa Coelho, Gabriele Garcia Pereira, Graziele Garcia Pereira, Greice Martins Costa, Ingrid Dayane da Silva Damasceno, Ireni Aguiar Paixão, Jackeline Godinho Jacob, Jaquelyne Oliveira Serra, Josiane de Souza Lima, Laila Adriene Santos Costa, Maria das Graças Melo da Silva Andrade, Maria de Nazaré Rodrigues de Oliveira, Maria Domingas da Silva, Marielle Alexsandra Nascimento Pinheiro, Marlucia Almeida da Costa, Marília Garcia Praia, Marizete Baptista Costa, Rosa Maria Barbosa Meireles, Selma do Socorro Pinheiro de Castro, Suzy Araujo Bastos e Victoria Cordeiro Santos
Costureiras Seamstresses Ana Margarete Barbosa Meirelles, Jeane Mayara Freitas do Nascimento, Josiane de Souza Lima, Maria da Conceição Ferreira Pinto e Nélia Belmira Barbosa Meirelles
Agradecemos às instituições parceiras que contribuíram com materiais e resíduos para a realização da exposição: Our special thanks to the partner institutions that helped with materials and wastes for the exhibition: Atelier Simone Abitbol, Beleza Numa, Canoa Pai d’egua, Cervejaria Araguaia, DomNato Casa de Pães, Fortaleza do Porto do Sal – Ferragens em geral, Hiléia Alimentos, Kalibazaar, Marmobraz, Na Figueredo – Um Núcleo de Conexões e Ozone Conexão Natureza

Agradecemos também aos parceiros que, de diversas formas, tornaram possível esta exposição e a programação 2024-2025 do Museu da Pessoa: Our thanks also to our partners that contributed in various ways to make this exhibition possible, as well as the Museum of the Person's 2024-2025 program: IBRAM, IPHAN, IPR – Instituto de Políticas Relacionais, Armazém Memória e UNESCO
CATÁLOGO CATALOG
Design grafico Graphic design Mariana Afonso
Textos Texts Ailton Krenak, Benjamin Taubkin, Karen Worcman, Lucas Lara, Marcelo Larrea e Rita Carelli
Revisão de textos Text editing Carolina Machado
Tradução (inglês) Translation (English) Priscila Adachi
Impressão Printing Pigma



MUSEU DO ESTADO DO PARÁ  
MUSEUM OF THE STATE OF PARÁ

Governador do Estado State Governor  
Helder Barbalho

Vice-Governadora do Estado Deputy State Governor  
Hanna Ghassan

Secretária de Estado de Cultura Secretary of State for Culture  
Ursula Vidal

Secretário-Adjunto Deputy Secretary  
Bruno Chagas

SISTEMA INTEGRADO DE MUSEUS E MEMORIAIS  
INTEGRATED SYSTEM OF MUSEUMS AND MEMORIALS

Diretor Director  
Armando Sampaio Sobral

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ  
MUSEUM OF THE STATE OF PARÁ

Diretor Director  
Bruno Silva

Equipe Team  
Antônio Sérgio, Diován Cunha, Gorete Lourinho, Kleber Farias,  
Marcelo Larêdo, Otávio Vinhote, Paulo do Canto e Rita da Silva

Coordenação de Conservação Conservation Coordination  
Susanna Teles [Coordenadora], José Fontenele,  
Lia Lopes, Mizanara Ferreira e Zenaide Paiva

Coordenação de Curadoria e Montagem  
Curatorship and Installation Coordination  
Nando Lima [Coordenador], Andrei Duarte,  
Marcus Moreira e Paulo André

Coordenação de Documentação e Pesquisa  
Documentation and Research Coordination  
Anselmo Paes [Coordenador], André Andrade, Cássia Da Rosa,  
Dayseanne Ferraz, Janaina Erse, Jorge Alex, Márcio Nahmias e  
Nazaré Fernandes

Coordenação de Educação e Extensão  
Education and Outreach Coordination  
Sandra Rosa [Coordenadora], Carolina Pinheiro, Luciana Akim,  
Nilson Damasceno e Georgina Lobato

Coordenação de Infraestrutura Infrastructure Coordination  
Leno Martins, Antônio Vallinoto e Rodolfo Cerveira

Apoio Técnico Technical Support  
Araújo Abreu Engenharia, Cactos Serviços, C&S Vigilância e  
Segurança Patrimônio

MUSEU DA PESSOA

Associados Associates  
Ana Wilhelm, Carla Nóbrega, Carlos Seabra, Carolina Misorelli,  
Celia Picon, Cláudia Leonor, Elza Lobo (in memorian),  
Fernando Von Oertzen, Heloísa Nogueira, Immaculada Prieto,  
Iris Kantor, José Santos Matos, José Guilherme Mauger,  
Karen Worcman, Luiz Egypto de Cerqueira, Marcia Trezza,  
Maria Francisca dos Santos e Passos, Mauro Malin,  
Roberto da Silva (in memorian), Rosali Nunes Henriques,  
Rosana Miziara, Sandra Sinicco, Sergio Ajzenberg (in memoriam),  
Sonia London, Silvia Carvalho e Zilda Kessel

Conselho Diretor Board of Directors  
Karen Worcman [Presidente], Beatriz Azeredo, Denise Barbosa,  
Jairo Duarte, Maria Francisca dos Santos e Passos,  
Marcos Oliveira e Tom Mendes

Conselho Fiscal Fiscal Council  
José Guilherme Mauger, Leandro Salatti e Antonio Salles

Conselho Honorário Honorary Council  
Alberto Dines (in memoriam), Celia Picon, Danilo Miranda  
(in memoriam), Eliezer Batista (in memoriam),  
José Eduardo Bandeira de Mello, Lisandra Alves,  
Octavio Barros, Paul Thompson, Paulo Nassar, Roberto da Silva  
(in memoriam), Tom Gillespie e Wellington Nogueira

Comitê Gestor Management Committee  
Beatriz Azeredo, Carla Nobrega, Gustavo Gonzaga e Tiago Lara

Comitê de Compliance Compliance Committee  
Cynara Reinert, José Guilherme Mauger,  
Luiz Egypto de Cerqueira e Maria Francisca Passos

Comitê Curatorial Curatorial Committee  
Bel Santos Mayer, Barbara Trugillo e Paulo Endo

Direção Executiva Executive Direction  
Karen Worcman e Marcos Terra  
Relações Institucionais e Governamentais  
Institutional and Government Relations  
Rosana Miziara e Anna Miranda  
Museologia Museology  
Lucas Lara, Felipe Rocha, Renata Pante, Beatriz Saghaard,  
Teresa de Carvalho, Paola Valentina Xavier, Priscila Gomes,  
Estfani da Costa, Jefferson Trindade, Charles Pankararu,  
Nicolau da Conceição e Grace Jacobson  
Colaboração Collaboration  
Marcela Lanza Tripoli, Marcia Trezza, Jonas Samaúma,  
Aline Scolfaro, Sônia Helena London e Levi Andrade  
Museu digital Digital Museum  
Odilon Gonçalves, Amanda Lira, Isadora Catem Santos,  
Leandro Almeida, Thiago Magalhães, Arianne Permonian  
Ana Gomes e Milena López  
Gestão e Operação Management & Operations  
Allan Russo Fava, Dalci Alves da Silva, Eduardo Valente,  
Juliana Gervaes, Larissa Pinna, Lucas Torigoe, Ane Alves,  
Bruna Gelangauskas, Lynda Dixon, Alice Silva, Luiza Gallo,  
Bruna Ghirardello, Samantha Xavier e Sofia Petro







[museudapessoa.org](http://museudapessoa.org)



visite a exposição digital  
visit the digital exhibition

**Idealização**



**Lei Rouanet**  
Incentivo a  
Projetos Culturais



**MUSEU DA  
PESSOA**

**Apoio Financeiro**



**BNDES**



**mercado  
livre**



**3M**



**itaú**



**PEPSICO**

**Apoio**



**mep**



**simm**  
SISTEMA INTERMUNICIPAL DE  
MUSEUS E MEMÓRIAS



SECRETARIA DE  
CULTURA



**PARA**

**Parceria**



**MUSEU  
FUNAI**



**FUNAI**



**rede  
mqré**



**MUSEU DO  
HUB**



**IAKITATA**  
AMAZÔNIA VIVA



**Ocas**

**Apoio**



**GEMPAC**



**FUNDAÇÃO DE  
AMPARO À  
PESQUISA DO  
ESTADO DE  
SÃO PAULO**



**GUSTO  
HUB**



**DPE**  
DEPARTAMENTO PÚBLICO  
DO ESTADO DO PIAUÍ



**OZ ONE**  
CONSERVANDO A  
NATUREZA



**GUARDIÕES DA  
MEMÓRIA**



**ibeac**



**INSTITUTO DE FÍSICA  
DE SÃO CARLOS**



**iel**  
Instituto de  
Educação  
Linguística e  
Linguagem do  
Povo Brasileiro

**Patrocínio Oficial**



**PETROBRAS**



**MINISTÉRIO DA  
CULTURA**



**GOVERNO DO  
BRASIL**  
DO LADO DO POVO BRASILEIRO